

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LILIAN MARIA BORGES LEAL DE BRITTO

**PERCURSOS COTIDIANOS E SOCIALIZAÇÃO NA ÁREA DE EXPANSÃO
DE BELÉM**

Belém – Pará
2017

LILIAN MARIA BORGES LEAL DE BRITTO

**PERCURSOS COTIDIANOS E SOCIALIZAÇÃO NA ÁREA DE EXPANSÃO
DE BELÉM**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal do Pará , para obtenção do
grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. PhD José Júlio Ferreira Lima.

BELÉM
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Britto, Lilian Maria Borges Leal de
Percurso cotidiano e socialização na área de expansão de Belém / Lilian Maria
Borges Leal de Britto.— 2017.

Orientador: José Júlio Ferreira Lima

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2017.

1. Arquitetura e sociedade. 2. Interação social. 3. Crescimento urbano – Belém,
Região Metropolitana de (PA). 4. Espaços públicos- Belém (PA) I. Título.

CDD 23. Ed. 720.103

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio Juracy de Britto e Maria de Nazareth Borges Leal de Britto, *in memoria*, pela educação que me foi proporcionada, imbuída de valores éticos e da cultura de compartilhamento inerente do convívio em uma família numerosa.

Ao meu irmão Cláudio Borges Leal de Britto, *in memoria*, pelo exemplo de luta incansável contra injustiças sociais e por seu pioneirismo em trabalho de prevenção de acidentes de escarpelamento de ribeirinhos amazônidas.

Ao meu orientador, arquiteto, urbanista, professor doutor e amigo José Júlio Ferreira Lima, por quem sempre tive profunda admiração, face à sua competência profissional e por sua capacidade de assumir diversas responsabilidades simultaneamente, com tranquilidade, comprometimento e êxito.

Aos meus amigos Eliel Américo Silva e Valéria Chicre Quemel Andrade, por terem me incentivado a enveredar pela carreira acadêmica em dois momentos distintos da minha vida.

À minha irmã Vanja Maria Borges Leal de Britto, por seu apoio e contribuição na realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1. Objetivos	17
1.2. Objeto do estudo	17
1.3. Fases de expansão urbana de Belém	18
2 REVISÃO TEÓRICA	32
2.1 Segregação, copresença, urbanidade e interação social	32
3 METODOLOGIA UTILIZADA	42
3.1. Aplicação de questionários e observação da vida social	42
3.2. Mapeamento de linhas de percursos cotidianos	44
3.3. Desenho de mapas de convexidade para análise de atributos morfológicos	45
4 RESULTADOS	49
4.1. Introdução ao capítulo	49
4.2. Vida social	50
4.3. Vida espacial	57
4.4. Análise dos atributos espaciais	69
4.5. Conclusão do capítulo	84
5 CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1.1: Entorno da Avenida Nazaré, área central de Belém	15
Figura 1.2: Entorno da Av. Augusto Montenegro.	16
Figura 1.3: Área objeto de estudo.	18
Figura 1.4: Mapa de Belém. Século XVII	19
Figura 1.5: Mapa de Belém. Século XVIII	20
Figura 1.6: Mapa de Expansão Urbana de Belém	21
Figuras 1.7 e 1.8: Dinamismo da vida urbana.	22
Figura 1.9: Mapa da Primeira Léguas Patrimonial	23
Figura 1.10: Mapa com demarcação de áreas institucionais	24
Figura 1.11: Estabelecimentos comerciais situados no cruzamento das Avenidas Independência e Augusto Montenegro	29
Figura 1.12: Trecho da Obra do BRT na faixa central da Avenida Augusto Montenegro.	30
Figura 3.1: Esquema Metodológico da Convexidade.	48
Figura 4.1: Mapa com a área de estudo indicando os locais de moradia dos respondentes da pesquisa de campo	50
Figura 4.2: Assentamento informal no bairro do Benguí	51
Figura 4.3: Conjunto habitacional Panorama XXI	51
Figura 4.4: Entrada do Condomínio fechado Green Ville	52
Figura 4.5: Acesso ao Condomínio fechado Chácaras Montenegro	52
Figura 4.6: Mapa de Percursos Cotidianos, construído a partir do que foi indicado pelos respondentes, destacando a área do assentamento informal do Bairro do Benguí	58
Figura 4.7: Mapa de Percursos Cotidianos, construído a partir do que foi indicado pelos respondentes, destacando a área do Conjunto Panorama XXI.	59
Figura 4.8: Ausência de pavimentação adequada para circulação do pedestre e acesso ao ponto de parada de transporte coletivo.	60
Figura 4.9: Síntese dos locais onde ocorrem contatos interpessoais para respondentes do Conjunto Panorama XXI (esquerda) e Assentamentos informais (centro), resultados totais à direita.	60
Figura 4.10: Síntese da ocorrência de deslocamentos com objetivo de estudo segundo local de moradia dos respondentes.	62
Figura 4.11: Rua Principal do conjunto Panorama XXI demonstra a grande incidência de contatos interpessoais incentivado pela diversidade de uso e comércio local.	67
Figura 4.12: Síntese do número de contatos interpessoais dos respondentes por local de moradia, destaque a direita para os valores de contatos interpessoais nos espaços públicos	68
Figura 4.13: Espaços públicos considerados na análise dos atributos do espaço na Área de Estudo	70
Figura 4.14: Mapa com espaços convexos do Benguí (esquerda) e foto da Rua Betânia	71
Figura 4.15: Fotos de vias locais do Benguí	71
Figura 4.16: Mapa com espaços convexos do Assentamento informal do Bairro Parque Verde e foto da Rua ao lado do Condomínio Montenegro Boulevard.	72

Figura 4.17: Fotos dos assentamentos informais do Bairro Parque Verde	72
Figura 4.18: Mapa com espaços convexos do Conjunto Panorama XXI e foto de uma de suas alamedas	73
Figura 4.19: Foto da rua principal do Conjunto Panorama XXI.	73
Figura 4.20: Mapa com espaços convexos definidos pelas Avenidas Augusto Montenegro e Centenário, e foto da confluência das duas avenidas com destaque para o supermercado ali localizado	74
Figura 4.21: Foto dos espaços públicos da Av. Augusto Montenegro na altura da confluência com a Av. Centenário	74
Figura 4.22: Mapa de Ilhas Espaciais na Área de Estudo, condomínios fechados considerados como uma só ilha espacial.	75
Figura 4.23: Mapa de Espaços Convexos na área de estudo considerando os espaços públicos das subáreas	76
Figura 4.24: Mapa de espaços convexos por unidade morfológica na área de estudo	77
Figura 4.25: Pequenos comércios localizados ao longo da Av. Augusto Montenegro	78
Figura 4.26: Mapa com os espaços convexos das subáreas onde ocorrem contatos interpessoais: áreas de assentamento informais (verde), conjuntos habitacionais (azul), e avenidas (laranja) com a marcação de portas.	79
Figura 4.27: Mapa com os espaços convexos com percentual de área de constituição nula (% de espaço convexo sem porta).	82

LISTA DE QUADROS

	Página
QUADRO 1: Conjuntos habitacionais construídos e comercializados pela COHAB (1968-1993) no entorno da Avenida Augusto Montenegro.	27
QUADRO 2: Métodos, Indicadores e Análise da Pesquisa	42
QUADRO 3: Quadro da Aplicação de Questionários	43
QUADRO 4: Intervalos de Mensuração	46
QUADRO 5: Extrato de Renda Familiar de respondentes segundo local de moradia, nas três subáreas de estudo.	53
QUADRO 6: Escolaridade de Respondentes Residentes nas Subáreas de Estudo, 2015.	54
QUADRO 7: Meio de Locomoção usado pelos respondentes nos deslocamentos cotidianos	55
QUADRO 8: Síntese de informações de renda, escolaridade e meios de locomoção de respondentes por local de moradia.	57
QUADRO 9: Número de contatos interpessoais, de segunda-feira a sexta-feira, conforme pesquisa de campo, por local de moradia dos respondentes e local de ocorrência do contato	65
QUADRO 10: Número de contatos interpessoais, sábado e domingo, conforme pesquisa de campo, por local de moradia dos respondentes e local de ocorrência do contato	65
QUADRO 11: Atributos de copresença segundo análise do Mapa de Convexidade, por unidade morfológica onde ocorreram contatos interpessoais.	80

PRÓLOGO

Minhas raízes e minha trajetória de vida contribuíram, muito, como motivação a despeito da abordagem deste trabalho.

Morei maior parte da minha vida na Rua Henrique Gurjão, situada no Bairro do Reduto. Apesar de estar localizada em um bairro central, próximo da Praça da República, ela não era pavimentada. Havia um igarapé no meio da via, que influenciava a configuração da área, implicando em morfologia constituída de palafitas sobre pilotis, na área alagada, e algumas casas em madeira na parte seca. As primeiras residências em alvenaria existentes na rua foram as casas de meus familiares, pois tinha tios engenheiros que conheciam técnicas construtivas para fazer edificação de dois pavimentos em terrenos alagadiços.

A casa de um dos meus tios ficava na esquina com a Rua Benjamin Constant, que já era pavimentada na época, mas que tinha um grande terreno com cota de nível mais baixo, onde atualmente está presente o edifício residencial Viña Del Mar, construído no início dos anos 80, em área que, na época de minha infância e adolescência, era ocupada por um assentamento informal.

Nesta comunidade com aproximadamente 25 palafitas em madeira, residia um funcionário da Bechara Matar, antiga loja de fogos de artifício, de modo que na época de festividades juninas, a garotada do bairro visitava a favela com mais frequência. Morava também nesta comunidade uma enfermeira que tinha seus serviços constantemente solicitados pelos moradores da vizinhança constituída de famílias numerosas, cheias de crianças arteiras, que brincavam livremente na rua. O jogo de bola na Benjamin Constant era interrompido no momento em que passava um carro, que trafegava geralmente em baixa velocidade, respeitando o slogan de uma campanha televisiva que dizia “atrás de uma bola sempre vem uma criança”. Outra moradora da favela, que era conhecida por todos, era uma tacacazeira que tinha uma “escadinha” de filhos; ela preparava o mais velho, e depois banhava os outros, para que o mais velho tomasse conta dos irmãos menores. Frequentei a área da favela com bem mais assiduidade do que quando foi construído o edifício onde passaram a morar alguns amigos, meus sobrinhos e uma colega de faculdade.

A preocupação da abordagem da pesquisa em investigar o convívio social entre pessoas de distintos padrões socioeconômicos talvez tenha tido influência também das amizades que fiz na “Escolinha da Universidade” como era carinhosamente chamado o Núcleo

Pedagógico Integrado da Universidade Federal do Pará - UFPA, ou simplesmente NPI, escola destinada a filhos de funcionários da universidade. Lá meus melhores amigos eram a filha de um porteiro, a filha de um funcionário que preparava a merenda, o filho de uma professora, e a filha de um médico, professor e crítico de cinema. Os dois últimos moravam relativamente próximos de casa e fazíamos o percurso juntos, à pé, para a escola no segundo grau. Caminhávamos conversando e observando os detalhes dos prédios ao longo do percurso. Eu e alguns desses colegas nos tornamos arquitetos com preocupação social muito latente.

Provavelmente a escolha de uma das metodologias aplicadas na pesquisa tenha recebido grande influência da minha formação profissional, especialmente com o aprendizado adquirido na Especialização realizada em 1991 na UFPA, em parceria Universidade de Brasília - UnB, como também no mestrado interrompido em 2001 na UnB, na linha de pesquisa de Desenho Urbano.

Mas o interesse em investigar a influência da morfologia no comportamento social dos pedestres, certamente tem origem na minha trajetória de vida enquanto cidadã, usuária de espaços públicos, da minha formação familiar, imbuída de valores éticos e de preocupação social, e da morfologia urbana do entorno da minha residência.

Esses créditos da alma foram, certamente, a base daquilo que formou meu caráter e contribuíram para que eu, escrupulosamente, concentrasse meus esforços na elaboração do material que resultou nesta dissertação, apresentada a seguir.

RESUMO

Esta pesquisa investiga oportunidades para interação social no tecido urbano da área de expansão da cidade de Belém, estado do Pará. O problema da pesquisa, foi construído a partir da constatação que a expansão das cidades brasileiras vem ocorrendo com a perda de urbanidade, em contraposição a possibilidades de copresença oriundas de morfologias de bairros centrais, devido à interferência do padrão morfológico de dispersão urbana em percursos cotidianos e consequente interação social. Para a investigação, o objeto de estudo é uma porção da área de expansão da cidade de Belém no entorno da Avenida Augusto Montenegro, resultante da ocorrência de morfologias criadas a partir da instalação de assentamentos periféricos por meio de condomínios fechados, conjuntos habitacionais e grandes equipamentos comerciais em meio a bairros com ocupação informal. O objetivo da pesquisa é investigar a promoção de padrões de socialização de moradores, e de viabilidade de atividades cotidianas para o pedestre, nos espaços públicos de uso coletivo, na morfologia urbana da área de expansão de Belém. Para tanto, foram utilizados métodos de pesquisa para caracterizar os grupos sociais residentes em tipologias existentes, relacioná-los a ocorrência de deslocamentos e contatos interpessoais. Além disso, a pesquisa aplica a sintaxe espacial para a investigação de atributos morfológicos, baseada em análise da convexidade de espaços públicos de subáreas – assentamentos com configurações tradicionais, conjuntos habitacionais e avenidas principais. Os resultados demonstram que, apesar da autossegregação dos moradores dos condomínios fechados, há interações em espaços públicos do conjunto habitacional e na área de assentamento informal de maneira mais concentrada, e em menor intensidade e de modo mais pontual, nas avenidas existentes em locais de arranjos espaciais oriundos da instalação de usos como shopping centers e supermercados. Contudo, observou-se ainda que as interações sociais, relatadas pelos respondentes da pesquisa, ocorrem entre moradores de padrões socioeconômicos e costumes semelhantes, em detrimento das potencialidades que a morfologia do local possa interferir.

Palavras-chave: Morfologia. Interação social. Urbanidade. Copresença.

ABSTRACT

This research investigates opportunities for social interaction in the urban fabric of the expansion area of the city of Belém, state of Pará. The research problem was built from the observation that the expansion of the Brazilian cities have been occurring with the loss of the urbanity, in contraposition to possibilities of co-presence deriving from the morphologies of the central neighborhoods, due to the interference of the morphological pattern of urban dispersion in daily routes and consequent social interaction. For the investigation, the object of study is a portion of the expansion area of the city of Belém, in the surroundings of the Augusto Montenegro Avenue, resulting from the occurrence of morphologies created from the installation of peripheral settlements through closed condominiums, housing complexes and large commercial equipments within neighborhoods with informal occupation. The objective of the research is to investigate the patterns of socialization of the local residents and the feasibility of daily activities for the pedestrian in the public spaces of collective use in the urban morphology of the expansion area of Belém. Therefore, there were used research methods to characterize the social resident groups in existent typologies, relate them to the occurrence of the displacements and interpersonal contacts. Besides, the research applies the spatial syntax for the investigation of the morphological attributes based on the analysis of the convexity of the sub-areas public spaces – settlements with traditional configurations, housing complexes and main avenues. The results show that, in spite of the self segregation of the closed condominiums residents, there are interactions in public spaces of the housing complexes and in the informal settlement area in a more concentrated way, and in less intensity and in a more punctual way in the avenues in locations of spatial arrays originating from the installation of uses such as shopping centers and supermarkets. Yet, it was noticed that the social interactions reported by the research respondents occur between residents with similar social-economic patterns and habits, to the detriment of the potentialities that the local morphology might interfere.

Keywords: Morphology. Social Interaction. Urbanity. Copresence.

1.0. INTRODUÇÃO

A configuração das áreas de expansão das capitais brasileiras é, em geral, constituída por extensas áreas ocupadas por corredores de tráfego situados entre grandes lotes dinâmicos, apresentando ocupações que remetem em parte ao padrão modernista. Trata-se de uma configuração diversa dos bairros centrais possuidores de um desenho urbano oriundo do início do século XX. A capital do Pará, Belém, constitui-se em um caso exemplar desta dinâmica.

A área de expansão de Belém é caracterizada por conter vários condomínios fechados, empresas e instituições ocupando lotes com grandes dimensões. Foi observado empiricamente que este padrão morfológico constituído de largas avenidas e lotes com grandes proporções, aparenta ter gerado um padrão de comportamento, de utilização social do espaço público, distinto do observado em áreas centrais, pois, em virtude das grandes distâncias a percorrer, o usuário da área de expansão acaba por ter necessidade de utilizar um veículo automotor para realizar a simples tarefa de comprar o pão de cada dia, reduzindo a copresença de pedestres nos espaços públicos de uso coletivo.

FERREIRA (2012) considera que as cidades brasileiras estão perdendo a qualidade de vida, devido a um padrão de urbanização que privilegia os automóveis, os condomínios fechados, e que rompe com a concepção tradicional da vida de bairro. Autores como HOLANDA (2002) e NETTO (2014) consideram que padrões morfológicos interferem na copresença de usuários do espaço público e que a existência de copresença entre usuários de diferentes classes sociais seria o primeiro passo para a redução da segregação social.

Foge-se das cidades insustentáveis que nós mesmos produzimos, desiste-se da vida de bairro na sua acepção mais tradicional, para se construir outros bairros exclusivos, isolados, segmentados, e sem nenhum dos aspectos que garantiriam riqueza e qualidade de vida urbana: diversidade de usos, comércio, níveis de renda, volumetrias, a alternância de quarteirões construídos com praças ou equipamentos acessíveis a todos, ruas públicas bem servidas pelo transporte de massa. Aspectos que trazem grande qualidade, mas que estão sumindo de nossas cidades. (FERREIRA, 2012, p. 18)

Segundo AGUIAR (2012), as cidades estão perdendo sua urbanidade, o acolhimento, a ideia da cidade como o local da cultura compartilhada, de valores

coletivos, de convívio com os opostos. Para Aguiar a urbanidade, assim definida, surge como um parâmetro abrangente na avaliação da qualidade dos lugares.

Vivemos em cidades onde o espaço público é cada vez mais inóspito, marcado por grandes fachadas de prédios, extensos muros contornando introvertidos condomínios, mega shopping centers e estacionamentos e, a pior parte, as áridas *freeways* urbanas. (AGUIAR, 2012, p. 61)

A configuração urbana constituída de paisagem de objetos, caracterizada por predomínio de vias largas, quarteirões com grandes dimensões e edificações bastante isoladas, tem sido apontado nos estudos de Holanda (1994) como aquela que incentiva a segregação, por restringir a possibilidade de encontro de pessoas de diferentes “tribos” nos espaços públicos de uso coletivo. Jane Jacobs (1973) ressalta a importância que a vida social, nas calçadas públicas, tem para a redução da criminalidade, e acrescenta que a diversidade de uso das edificações incentiva a socialização almejada e a inibição à criminalidade, pois considera que os usuários de um espaço público são seus vigilantes.

NETTO (2017) considera que a fragmentação e padronização da paisagem urbana constituem problemas de amplitude nacional, que dificultam a apropriação do pedestre e causam altos custos ambientais e sociais.

De fato, temos presenciado mudanças em nossos contextos, fortes o bastante para alterar o modo como usamos o espaço e vivemos a partir dele - incluindo formas que fragmentam espacialidades, dificultam a apropriação pedestre do espaço público, induzem a dependência veicular; modos de urbanização que frequentemente ignoram o contexto biofísico, com altos custos ambientais e sociais. Esses processos de urbanização e suas tipologias têm ocorrido literalmente em escala nacional, de Belém e Natal a Porto alegre, em cidades de diferentes portes. (NETTO, 2017, p.11)

Tanto HOLANDA como JACOBS demonstram interesse que o cidadão se aproprie do espaço público, que ele utilize com frequência as praças e calçadas públicas. Ambos apontam a diversidade de uso das edificações como estímulo atrativo de pedestres em horários diversificados. HOLANDA propõe a eliminação de barreiras morfológicas, como espelhos d’água e paredes cegas, que contornam os condomínios e impedem o livre trânsito de pedestre, de modo a tornar o espaço mais inclusivo, ou seja, que tenha uma configuração menos segregadora. FERREIRA (2011) ressalta, por outro lado, o destaque que leva à generalização do padrão dos “condomínios clube”, que marcam nossas cidades, pela ruptura que impõem à malha urbana, com imponentes

muros cegos e grades, que comprometem a fluidez urbana e, principalmente, a integração entre usos e grupos sociais, pressupostos ao exercício da verdadeira vida urbana. (FERREIRA. 2012: 76)

Apesar de não se constituir a pesquisa num contraponto entre a morfologia da área central da cidade e a configuração da área de expansão, o trabalho traça uma reconstituição do desenho urbano de Belém até a ocorrência da paisagem de sua área de expansão. A primeira área apresenta morfologia de cidade vernacular, em Belém associada ao início do século XX, caracterizada pelo arranjo de quadras regulares, lotes e acessos às edificações a partir das calçadas (Figura 1.1). O outro trecho caracteriza-se pela ênfase no viário, presença de condomínios e grandes equipamentos comerciais, tais como shopping centers, supermercados, postos de gasolina, mas também marcada pela presença de bairros de ocupação tradicional, resultantes de ocupações, via de regra informais, em terrenos públicos e privados (Figura 1.2).



Figura 1.1: Entorno da Avenida Nazaré, área central de Belém

Fonte: google.novotempo.com/belem. 2015/11/16



Figura 1.2: Entorno da Av. Augusto Montenegro.

Fonte: Google.skyscratorcty.com.fotoeloiraiol. 2025/16/11

A observação da morfologia da área de expansão de Belém aparenta ter atributos que não contribuem para a socialização, pelo menos nos mesmos padrões do que é vivenciado no centro da cidade. Isto constituiu a base para a formulação de uma hipótese central para esta dissertação: a dispersão da morfologia urbana observada na área de expansão de Belém interfere na mudança de comportamento cotidiano e aparenta inibir a interação socioespacial, por reduzir a possibilidade de encontros casuais que costumam ocorrer com mais frequência em bairros tradicionais.

A partir da definição do problema de pesquisa e de uma hipótese geral, este capítulo apresentará o objeto de estudo, as fases de expansão urbana, a motivação a respeito da abordagem da pesquisa, seguido dos capítulos de revisão teórica, metodologia, análise de resultados e a conclusão.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo geral

Investigar a promoção de padrões de socialização de moradores e de viabilidade de atividades cotidianas para o pedestre, nos espaços públicos de uso coletivo, na morfologia urbana da área de expansão de Belém.

1.1.2. Objetivos específicos

- 1) Caracterizar os grupos sociais residentes em tipologias existentes no entorno da Av. Augusto Montenegro;
- 2) Relacionar esses grupos sociais à acessibilidade existente na área de expansão de Belém;
- 3) Investigar os fatores morfológicos presentes nos locais onde ocorrem contatos interpessoais nesses mesmos grupos.

1.2. Objeto de estudo

O objeto desta pesquisa abrange a área de entorno da Avenida Augusto Montenegro, nas adjacências de seu cruzamento com a Avenida Centenário e Avenida Independência, área esta constituída de unidades morfológicas com configurações distintas, sendo em função da largura das vias e forma do tecido urbano, da transição espaço público/privado, ou da tipologia edilícia. A fim de atender aos objetivos desta dissertação, foram eleitos como respondentes do questionário básico da pesquisa, moradores das seguintes unidades morfológicas presentes na área: assentamentos informais situados nos bairros do Benguí, do Parque Verde e da Cabanagem; condomínios Green Ville Residence e Chácaras Montenegro (composto pelos condomínios verticais Cedro, Ipê e Jatobá); e conjunto habitacional Panorama XXI. (Figura 1.3).



- Área de Estudo
- Condomínio Green Ville Residence
- Condomínio Chácaras Montenegro
- Conjunto Panorama XXI
- Assentamento Informal do Bairro do Bengui
- Assentamento Informal do Bairro do Parque Verde
- Assentamento Informal do Bairro da Cabanagem

Figura 1.3: Área objeto de estudo.

Fonte: Google 2017. Adaptado.

A pesquisa investiga os padrões de socialização dos moradores das unidades morfológicas nos espaços públicos dos referidos assentamentos informais, no conjunto Panorama XXI e nas avenidas Augusto Montenegro, Centenário e Independência.

1.3. Fases de expansão urbana de Belém

A morfologia da área de estudo foi sendo construída ao longo de seu processo de ocupação, portanto para melhor entender as características de sua atual configuração, será apresentado um breve relato da evolução urbana de Belém tendo como foco principal a configuração da área de expansão urbana situada no entorno da Avenida Augusto Montenegro. No início do século XVII as casas eram em taipa dispostas de maneira isolada ao longo de um traçado orgânico.



Figura 1.4: Mapa de Belém. Século XVII

Fonte: REIS (2000)

Segundo DERENJI (1987) no século XVIII ocorreu incentivo ao desenvolvimento econômico da região propiciado pela Coroa por meio da criação da Companhia do Comércio, fato este, que gerou enriquecimento da paisagem da cidade, pois a Campina adquiriu sobrados, edifícios públicos e novas igrejas, e nesta época a cidade recebeu equipes técnicas e militares para demarcar novos limites. Cabe destacar que algumas das contribuições mais marcantes na morfologia desse período devem-se às obras do arquiteto italiano Antônio Landi, autor de sete igrejas, alguns prédios públicos e diversos sobrados.



Figura1.5: Mapa de Belém. Século XVIII

Fonte: REIS FILHO, 2000.

A implantação das edificações mantinha o alinhamento das ruas, que por sua vez tinha o traçado regular. Segundo REIS FILHO (2006), no período colonial, as cidades apresentavam um aspecto uniforme em virtude da precariedade tecnológica, a maioria das casas possuía o mesmo partido arquitetônico, em certos casos a padronização era fixada na Carta Régia.

No Pará ou no Recife, em Salvador ou em Porto Alegre, encontram-se ainda hoje casas térreas e sobrados dos tempos coloniais, edificados em lotes mais ou menos uniformes, com cerca de dez metros de frente e de grande profundidade. (REIS FILHO, 2006, p. 22).

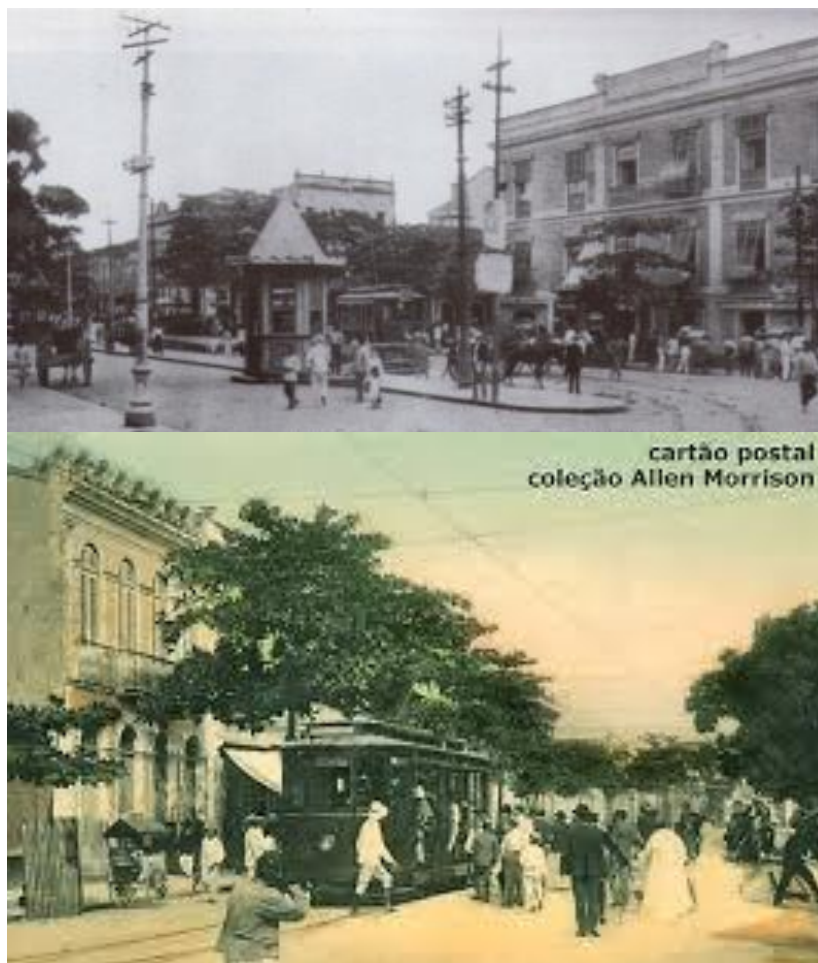
Belém seguiu com os padrões de outras cidades brasileiras no século XIX no que diz respeito ao surgimento de novas tipologias edilícias, como as chácaras e as casas de porão alto, influência da Missão Cultural Francesa. Esta configuração, oriunda da primeira fase de expansão urbana, se mantém presente nos bairros da Campina e Cidade Velha (Figura 1.6).



Figura 1.6: Mapa de Expansão Urbana de Belém

Fonte: BORGES e PALHETA (2011), Adaptado.

No final do século XIX inicia-se a fase de maior fartura vivenciada na região. No Pará a economia da borracha, cujo ciclo econômico foi de 1870 até 1912, provoca aumento demográfico com consequência impactante e significativa na paisagem urbana de Belém. A população sobe de 96.500 em 1900 para 236.400 em 1920 DERENJI (1987). A cidade se expande e se moderniza para abrigar uma nova população com hábitos mais refinados, atraídas pela prosperidade econômica. As imagens abaixo demonstram o dinamismo do uso de espaços públicos em Belém.



Figuras 1.7 e 1.8: Dinamismo da vida urbana.

Fonte: SECULT.

Em virtude da economia da borracha, a morfologia da cidade muda tanto em relação à implantação, que começa a se soltar do limite do terreno, em virtude das exigências do Código de Posturas em vigência na época. (DERENJI, 1987). Neste período histórico, foi realizado um planejamento urbanístico para a Primeira Léguas Patrimonial de Belém, com traçado regular, porém não homogêneo, ou seja, um mosaico de trechos de traçado regular integrados entre si (Figura: 1.9).



Figura 1.9: Mapa da Primeira Léguas Patrimonial

Fonte: SECULT. Belém da Saudade.

O bairro do Marco (Figura 1.9), então área de expansão, foi contemplado com quarteirões com dimensões maiores que as encontradas nos bairros centrais, tendo suas vias principais largura de 44m, sendo consideradas superdimensionadas para a realidade da época. Nota-se na Figura 1.9 que parte da malha viária referente aos bairros do Guamá e Terra Firme, não seguiram o mapa planejado. Isso ocorreu em virtude da área ser alagada, fato que retardou ação de benfeitorias governamentais, implicando em ocupação de assentamentos informais, com traçado orgânico seguindo os contorno dos córregos.

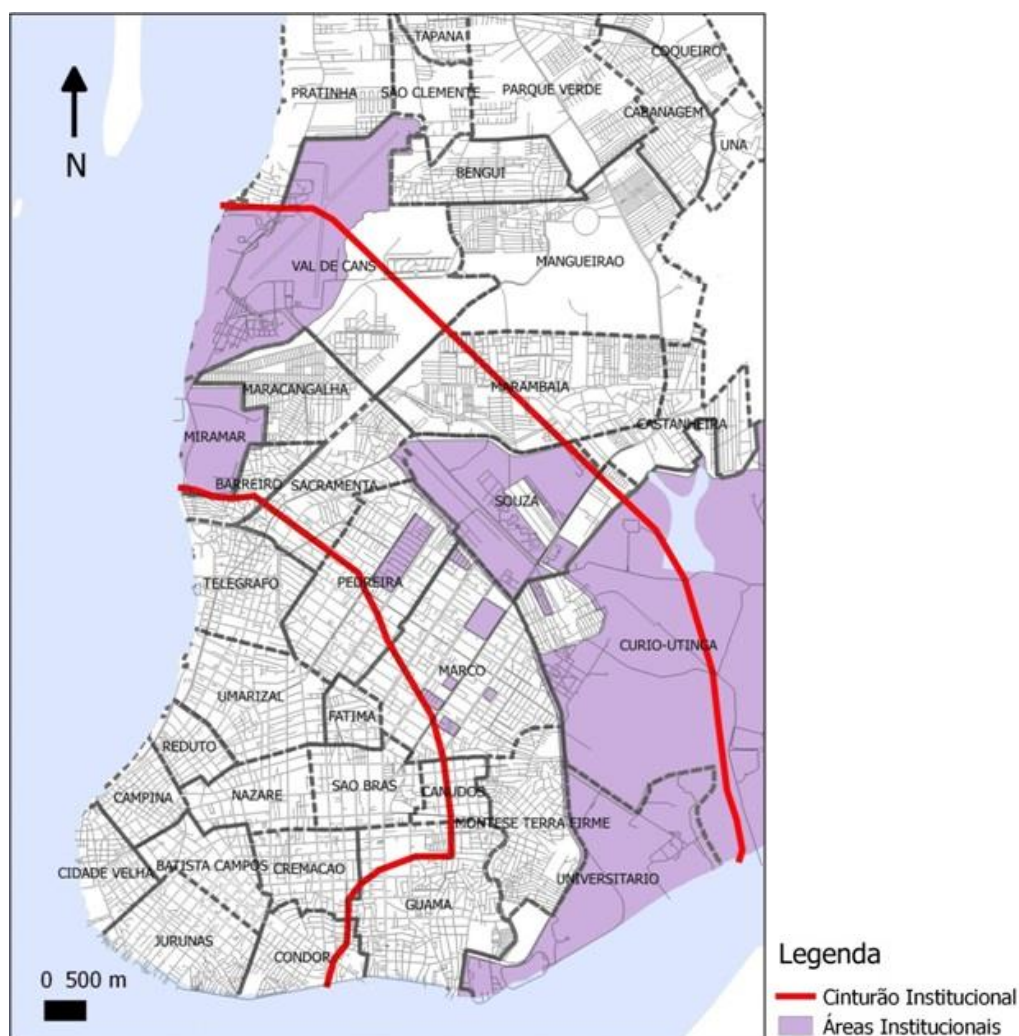


Figura 1.10: Mapa com demarcação de áreas institucionais

Fonte: COHAB – 2001, adaptado.

A partir de 1940 foi instituído o “Cinturão Institucional” (Figura 1.10), formado por grandes áreas destinadas às Forças Armadas e instituições de ensino e pesquisa, encapsulando a Primeira Léguas Patrimonial. O que implicou na criação de uma barreira ao crescimento da cidade no único sentido em que seria viável sua expansão, visto que nos demais, a cidade é contornada por rio.

A criação do “Cinturão Institucional” na década de 40 teve consequências na década de 60, implicando na maior valorização dos lotes altos situados no interior da primeira légua, ocupação das baixadas (áreas das antigas vacarias) pela população de baixo poder aquisitivo, e intensa verticalização da área central, incentivada pela própria legislação (TRINDADE JUNIOR 1997).

O processo de favelização em Belém, que ocorreu notadamente em áreas alagadas, está diretamente ligado a alguns fatores, a saber: a) a implantação, em 1940, do “cinturão institucional” que provocou o estrangulamento da área mais densamente ocupada, funcionando como bloqueio à expansão contínua da cidade; b) o escasseamento e a valorização de terras altas, que obrigou a população de baixa renda a ocupar as áreas baixas; c) o célere crescimento populacional e o empobrecimento de grande parte da população, em especial migrantes recém chegados do espaço rural. (TRINDADE JUNIOR, 1997, p. 112 e 113).

As dimensões dos lotes aumentam à medida que se distanciam do centro da cidade, com exceção das áreas de ocupação informal. Isto ocorre em virtude do preço da terra, que costuma ser menor em áreas desprovidas de infraestrutura e serviços urbanos, de modo que em áreas mais distantes o preço do terreno é menor, portanto pode ser adquirido um terreno com dimensões maiores a baixo custo, se comparado com outro situado na área central. Essa lógica aparenta ser responsável pelo processo de ocupação observado após o Cinturão Institucional, mais precisamente na área de entorno da Avenida Augusto Montenegro, pois algumas empresas foram se estabelecendo no local, ocupando terrenos de grandes dimensões, atraídas pelo valor do solo.

A impossibilidade de prolongamento “natural” do traçado urbano, devido à barreira institucional, aponta a limitação de planejamento urbano que integre a área de expansão com a área central. Durante décadas existiam apenas duas conexões entre a Avenida Augusto Montenegro (que possui aproximadamente 13km de extensão) e a Primeira Léguas Patrimonial, tendo em suas extremidades a Avenida Almirante Barroso, partindo do Entroncamento rumo ao bairro do Marco, e a Avenida Arthur Bernardes, partindo do Distrito de Icoaraci rumo ao bairro do Umarizal, pela orla da Baía do Guajará.

VENTURA NETO (2015) considera a maneira como ocorreu o parcelamento das antigas fazendas que compunham a Segunda Léguas Patrimonial, como sendo o motivo principal da descontinuidade da malha urbana, principalmente, a fazenda Val de Cans, em virtude de sua conexão com o eixo da Avenida Almirante Barroso, que poderia ser uma opção de integração com o tecido urbano da Primeira Léguas Patrimonial. A área da referida fazenda hoje é ocupada pelos bairros da Pratinha, São Clemente, Benguí, Parque Verde, Cabanagem e parte dos bairros de Val de Cans e Mangueirão.

As dimensões dos terrenos originados do parcelamento dessa fazenda, conforme identificado na planta obtida na CODEM, influenciam fortemente a tipologia dos empreendimentos lançados na área, pois indiretamente se coadunam com os padrões estabelecidos pelo BNH para o segmento econômico (VENTURA NETO, 2015, p. 99).

O autor acrescenta que o parcelamento ocorrido no início do século XX na fazenda Val de Cans, ainda que inicialmente tenha sido em virtude de atender à provável função agrícola, “orienta os arruamentos atuais desse trecho da Segunda Légua Patrimonial, principalmente os que surgem de modo espontâneo, por meio de ocupações informais de terras (VENTURA NETO, 2015, p. 99).

A ausência de um plano eficaz para a área de expansão, fez com que a ocupação fosse determinada por ações de políticas públicas pontuais para construção de conjuntos habitacionais populares, que posteriormente foram intercalados por assentamentos informais, sendo alguns deles incentivados pelo próprio Governo do Estado. Segundo TRINDADE JUNIOR (2016), em agosto de 1978 ocorreu uma ocupação de famílias de “sem terra” denominada “Invernada” no bairro da Cremação, situado na Primeira Légua Patrimonial de Belém. O Governo interviu na situação, implicando em transferência das famílias para área de expansão, no bairro do Benguí.

Entre as promessas feitas aos ocupantes existia uma do governo do Estado, que não garantia a permanência dos ocupantes na área, mas que propunha o remanejamento das centenas de famílias para um local próximo dali, na área da Estrada Nova, também área de baixada. No dia 14 de setembro de 1978, os moradores da “Invernada” tiveram, então que deixar o local. O destino não foi a estrada nova, conforme se cogitava na proposta inicial, mas sim para uma área bem distante do local de ocupação: o bairro do Benguí (BORGES, 1992); (TRINDADE JUNIOR, 2016, p. 153).

A política governamental de promoção de habitação popular contribuiu para o adensamento da área de expansão de Belém. TRINDADE JUNIOR (2016) cita a construção de diversos conjuntos habitacionais promovidos pela Companhia de Habitação – COHAB a fim de promover habitação para famílias de baixa renda. Segundo o autor, 22.830 habitações foram produzidas pela COHAB no período de 1965 a 1990 no Estado do Pará, sendo que 77,13% das unidades foram construídas no Município de Ananindeua, situado na Região Metropolitana de Belém.

Nos meados dos anos 80, o referido município passou a constituir conurbação com Belém e durante anos ficou indefinido o limite institucional entre o Município de

Ananindeua e a capital do Pará. Na ausência de uma definição legal, a então Rodovia Augusto Montenegro era considerada, no imaginário da população em geral, como sendo este limite. Em 02 de outubro de 1991 foi assinado um protocolo entre os prefeitos dos municípios de Belém (Manuel Augusto da Costa Rezende) e de Ananindeua (Fernando de Souza Corrêa) definindo os limites territoriais. A primeira cláusula do protocolo determina que seja realizada a ratificação do documento pelas respectivas Câmaras Municipais e a sexta cláusula diz que deve ser enviado um documento ao IBGE com os limites territoriais após 72 horas após a aprovação pelas Câmaras Municipais. Tendo ambas determinações ocorridas ainda em 1991.

O QUADRO 1 apresenta informações organizadas por TRINDADE JUNIOR (2016) acerca de conjuntos habitacionais localizados na área de expansão da Região Metropolitana de Belém (RMB), tendo sido adaptado de modo a apresentar apenas os conjuntos situados ao longo da Avenida Augusto Montenegro.

QUADRO 1: Conjuntos habitacionais construídos e comercializados pela COHAB (1968-1993) no entorno da Avenida Augusto Montenegro.

Conjunto	Data de Entrega	Nº de Unidad.	Terreno (m²)	Localização	Procedência dos Terrenos
Nova Marambaia I	29/02/68	834	198.075,00	Nova Marambaia	Governo do Estado
Nova Marambaia II	30/10/73	376	111.019,00	Nova Marambaia	Governo do Estado
Nova Marambaia III	01/11/75	322	119.250,00	Nova Marambaia	Governo do Estado
Icoaraci I	01/11/75	296	122.427,50	Icoaraci	Governo do Estado
Panorama XXI	30/08/77	667	-	*Cabanagem	Imob. Tropical
Icoaraci II	30/12/77	554	272.025,00	Icoaraci	Governo do Estado
Catalina	01/11/89	770	390.595,76	Benguí	Ministério da Aeronáutica
Paracurí	17/06/93	215	-	Paracurí	Governo do Estado

Fonte: TRINDADE JUNIOR, 2016. *Adaptado

À medida que os terrenos na Primeira Légua Patrimonial foram se esgotando, a verticalização foi se intensificando, de modo a abrigar a crescente demanda populacional. A escassez de terrenos nos bairros centrais provocou aumento considerável no preço da terra no interior da Primeira Légua Patrimonial, tornando assim inevitável a migração de empreendimentos para a área de expansão situada após o Cinturão Institucional.

GUIMARÃES (2013) cita o conjunto Nova Marambaia como sendo o primeiro conjunto habitacional construído fora da Primeira Légua Patrimonial, tendo sido entregue em 1968 pela Companhia de Habitação do Estado do Pará (COHAB-PA),

objetivando o remanejamento de famílias de baixa renda para área de expansão urbana, em virtude das obras de saneamento realizadas nas áreas então ocupadas por essas famílias. Na década de 1990 surgem condomínios de luxo ao longo da então Rodovia Augusto Montenegro, atualmente classificada com Avenida.

O Greenville Residence I, erguido pela construtora Vila Del Rey, inaugurou a disputa por lotes lindeiros à Rodovia Augusto Montenegro; ao dar maior visibilidade ao processo de construção de condomínios de luxo. Rapidamente o mercado de habitação tornou-se objeto de investimentos para a construção de condomínios fechados para as classes de maior renda, marcando, desta forma, o processo de horizontalidade da cidade. (GUIMARÃES, 2013, p. 98)

Intervenção urbana recente, promovida pelo Projeto Ação Metrópole (PAM), para resolver a questão da mobilidade urbana na Região Metropolitana de Belém (RMB) incentivou a potencialização do mercado imobiliário ao longo da Avenida Augusto Montenegro. GUIMARÃES (2013) destaca o prolongamento da Av. Independência como importante elemento para a criação de novas centralidades.

A Avenida Independência foi construída com o propósito de integrar o núcleo central da cidade com a área metropolitana. A construção da nova avenida gerou dinamismo econômico e social no seu cruzamento com a Avenida Augusto Montenegro (Figura 1.11).



Figura 1.11: Estabelecimentos comerciais situados no cruzamento das Avenidas Independência e Augusto Montenegro

Fonte: Autora, 2015.

O mercado imobiliário se antecipou à conclusão da nova avenida, gerando mudanças na paisagem do entorno do cruzamento da Avenida Independência com a Avenida Augusto Montenegro. Nos últimos cinco anos foram construídas, ao longo da Avenida e suas adjacências, uma variedade de empreendimentos habitacionais, tanto verticais como horizontais, para abrigar diferentes classes sociais, além de oito hipermercados, uma igreja, um Shopping Center, academias de ginástica, hospital metropolitano, dentre outros usos. GUIMARÃES (2013) relata alguns fatores como responsáveis pelo boom imobiliário na Avenida Augusto Montenegro:

O elevado investimento por parte do Estado e do capital imobiliário, que, nesse momento, mostram uma aliança entre vários empreendimentos, como o Programa Minha Casa Minha Vida, dentro do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), vão tornando mais caro o preço da terra e a crescente construção de condomínios de luxo nessa rodovia, caracteriza o boom imobiliário do espaço da Rodovia Augusto Montenegro (GUIMARÃES, 2013, p. 110).

Desde o início da ocupação da área do entorno da Avenida Augusto Montenegro, destacam-se ações pontuais em que, na ausência de gestão pública, o mercado imobiliário passa a ditar com autonomia as regras que lhe convém no processo de adensamento populacional do espaço, restando ao Poder Público se render às exigências do mercado, ao invés de satisfazer as reais necessidades da população.

Mais recentemente, desde 2014, a área em estudo está passando por uma intervenção de maior porte, promovida pelo Poder Público. Trata-se da implantação do sistema Bus Rapid Transit (BRT). O BRT se propõe a conectar o morador da área de expansão com os bairros da Primeira Léguas Patrimonial, porém aparenta ser uma nova

intervenção desprovida de planejamento integrado, pois segundo GUIMARÃES (2013) a proposta do BRT foi elaborada de maneira desarticulada com a proposta atualizada do Plano Diretor de Transporte (PDT). Contudo, cabe acrescentar que o projeto do BRT já sofreu algumas alterações, com intuito de aprimoramento de sua proposta inicial, e que está em fase de execução (Figura 1.12).



Figura 1.12: Trecho da Obra do BRT na faixa central da Avenida Augusto Montenegro.

Fonte: Autora. 2016

A ausência de planejamento ao longo do processo de ocupação da área de expansão gerou, como consequência, um tecido urbano com padrões desconexos de parcelamento com constante interrupção de regularidade da malha viária, provocada pela grande quantidade de condomínios fechados e pelo traçado orgânico presente em assentamentos informais situados no entorno da Avenida Augusto Montenegro.

Após esta introdução a respeito do problema de pesquisa, seus objetivos, o objeto de estudo, além de um breve relato da evolução urbana a fim de situar o leitor sobre historiografia da configuração morfológica da área de estudo, seguem-se o Capítulo 2, que contemplará a Revisão Teórica a respeito de segregação socioespacial, copresença, urbanidade e interação social, e o Capítulo 3, contendo as abordagens metodológicas utilizadas na pesquisa empírica que subsidia esta dissertação – divididas em métodos de pesquisa de campo com amostras de usuários do espaço e análise da morfologia urbana por meio da cartografia da área objeto de estudo.

Depois desses, o Capítulo 4 trata da Análise dos Resultados e aborda a Vida Social e Espacial, tendo como base as observações de campo e o perfil socioeconômico, extraído do questionário com informações referentes aos usuários dos espaços, renda

familiar, nível de escolaridade e meio de locomoção mais usado. Nesse capítulo, é feita a Análise de Atributos Espaciais obtidos com estudos de atributos morfológicos de convexidade. Por fim, seguem as conclusões da dissertação.

2.0. REVISÃO TEÓRICA

2.1. Segregação, copresença, urbanidade e interação social

A segregação e fragmentação social são conceitos comumente empregados para descrever a distribuição espacial de grupos sociais no território. A segregação nas cidades está ligada a condições sociais desiguais, seja de acesso a bens e serviços, seja em um nível mais detalhado, à acessibilidade no deslocamento físico entre pontos específicos da malha urbana. Neste sentido, segregação está relacionada mesmo que indiretamente à estrutura física das cidades e se constitui em um atributo de sua forma.

Segundo NETTO (2014), a segregação espacial é vista como distância social, apesar das pessoas não permanecerem estáticas em áreas segregadas, pois os indivíduos circulam por diferentes áreas da cidade. Pessoas pertencentes a classes sociais diferentes podem passar pelos mesmos lugares. O autor acrescenta que, partindo do princípio de que sociedade é um sistema de encontros que envolvem mobilidade, então devemos “examinar o espaço para além das visões usuais de segregação espacial”. (NETTO, 2014, p. 40). O autor sugere duas abordagens distintas a respeito da segregação. A primeira, que tem uma visão estrutural, considera ser uma expressão espacial de um processo que envolve relações e conflitos de classes. A segunda abordagem refere-se às instâncias da realidade socioespacial. Para o autor, a abordagem quase estática das áreas segregadas, não tem como identificar os componentes da dinâmica social, como “as situações de interação e movimento dos atores, as quais compõem a vida social e nas quais repercute o problema de fato”. (NETTO, 2014, p. 45). O autor propõe uma abordagem com possibilidade de Reconhecimento do Outro, em que enfatiza a integração social por meio da copresença cotidiana, e considera que o espaço deva ser observado de maneira diferente das abordagens tradicionais. Por fim, ele propõe que a análise do espaço seja entrelaçada por ações sociais e percursos cotidianos.

Teremos de construir uma abordagem ao social menos estrutural, mais afeita à temporalidade do agora e das espacialidades da ação cotidiana (...). O *habitus* e a rotinização serão fatores ativos na definição das situações sociais nas quais nos envolvemos. Terão um papel de moldagem das sequências dos nossos encontros e interações, e na condução da nossa vida social. (NETTO, 2014, p. 47 e 48)

NETTO (2017) faz referência ao trabalho do economista Thomas Schelling, ganhador do Prêmio Nobel 2005, com a comprovação matemática de que, caso residentes de uma cidade intentassem ter apenas um terço de seus vizinhos como similares, como exemplo, vizinhos professores, gerariam um padrão segregado de localização residencial. O autor acrescenta que o trabalho de Schelling considera que a única maneira de construir um sistema urbano composto de um terço de vizinhos semelhantes entre si, “seria gerar uma cidade de áreas homogêneas socialmente, portanto socialmente e espacialmente segregada” (NETTO, 2017, p. 27), segundo o qual ações e diferenças individuais acabam por ganhar resultados coletivos não-intencionais.

Por exemplo, seu modelo sugere que em uma cidade onde os moradores tivessem a preferência em viver em uma vizinhança com 50% de moradores do mesmo grupo social, 80% de suas áreas seriam absolutamente homogêneas socialmente. Mesmo que as pessoas não desejassem a segregação, o único modo de acomodar os seus desejos locacionais, em interação com as outras pessoas, terminaria gerando segregação. A segregação territorial se mostra como uma consequência mais que proporcional a um desejo individual de viver próximo aos socialmente similares. (NETTO, 2017, p. 30)

O Plano Piloto de Brasília aparenta ser um exemplo do que Schelling considera como exceção à regra de improbabilidade de existência de uma cidade constituída de vizinhos socialmente homogêneos.

O dicionário Silvério Bueno (2002) define segregação como sendo “o ato de segregar, isolamento”, já no dicionário Aurélio Buarque De Holanda (2011), segregar é “1. pôr à margem, marginalizar, 2. (...) secretar, 3. Afastar-se, isolar-se”. As definições de ambos denotam que segregar é uma atitude de cunho intencional, seja esta uma ação intencionalmente de quem deseja isolar-se, ou oriunda de quem deseja marginalizar o outro. Portanto é algo que está relacionado ao comportamento discriminatório, no sentido de não querer se socializar com pessoas que são previamente julgadas como tendo um comportamento sociocultural distinto do seu. NETTO (2017), ao citar o trabalho de Shelling, enfatiza a importância da conclusão de que “a segregação urbana pode acontecer mesmo que as pessoas não as desejem”. (NETTO, 2017, p. 27).

A primeira vista, pode-se considerar que as definições do termo “segregação” nos dicionários contradizem a conclusão dos estudos de Shelling, porém a situação analisada por outro ângulo pode ser considerada como de abordagens complementares.

“A segregação territorial se mostra como uma consequência mais que proporcional a um desejo de viver próximo aos socialmente similares” (NETTO, 2017, p. 30)

A segregação é um conceito oposto ao de urbanidade, o qual precípua na sua concepção de senso comum, a convivência social cordial. AGUIAR (2012) quando trata sobre urbanidade e qualidade da cidade, sugere que ocorre “um entendimento de espaço público como *locus* de uma cultura urbana compartilhada, fundada em valores coletivos; uma cultura que envolve o convívio com os opostos” (AGUIAR, 2012, p. 61).

GOFFMAN (1963) classifica a conduta socialmente aceitável como ordem pública. A convivência pública, aqui entendida como oposta à segregação urbana, se estrutura através de certas regras de convívio. O indivíduo, ainda que inconscientemente, busca com constância a aceitação da comunidade e quando as atitudes comportamentais dele são aprovadas pelo grupo, tem a sensação de pertencimento ao grupo. Cada contexto social possui uma regra implícita de conduta a ser seguida.

A conduta de comportamento esperado em uma reunião informal com os amigos é diferente da conduta esperada em um culto religioso ou em uma reunião de negócios. Os gestos, a vestimenta, o tom de voz, tudo é observado de maneira crítica pelas outras pessoas do grupo.

A segregação entre os grupos sociais pressupõe a impossibilidade de interação social. Neste sentido, HOLANDA (2002) considera o fator morfológico como o principal requisito para a ocorrência da copresença. O autor, ao estudar a probabilidade de encontros e o potencial de copresença nos espaços públicos de uso coletivo, enfatiza a condição morfológica do espaço propício a copresença como sendo um espaço convexo sem a presença de barreiras morfológicas como grades, muros e superfícies intransponíveis, como espelhos d’água e jardins que impeçam o livre acesso entre os atores presentes.

GOFFMAN (1963) atenta para a importância da temporalidade no encontro. Seu requisito não é apenas o espaço morfológico, mas também a condição espaço-temporal e o contexto da situação de copresença, e considera que a copresença face-a-face, seja um condicionante significativo para a ocorrência da interação social. Segundo o autor, o contexto propiciado em situação de copresença é peculiar, pois as pessoas tornam-se mais acessíveis pelo fato delas serem observadas mutuamente e avaliadas segundo uma ordem pública de condutas e valores estabelecidos pela sociedade.

GIDDENS (1984) concorda com GOFFMAN a respeito da importância da condição espaço-temporal para a interação social. Segundo ele, o “território básico de estudos das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é nem a existência de qualquer forma de totalidade societária, mas sim práticas sociais ordenadas através do espaço e do tempo” (GIDDENS, 1984, p. 76). O autor também considera a importância da avaliação mútua na interação social dos atores.

“Ação proposital não é composta de uma série de intenções, razões e motivos separados. Portanto é útil falar de reflexividade como fundamentada no monitoramento contínuo da ação que os seres humanos revelam e esperam que os outros revelem”. (GIDDENS, 1984, p. 79).

A copresença com percepção mútua será classificada aqui como interação social introspectiva. Já a interação social ativa é intencional e é motivada pelo juízo de valores de cada indivíduo. Neste sentido, intencionalmente pode-se efetivar uma aproximação quando se desperta um código de afinidade ou interesse entre os indivíduos, ou pode ocorrer um repúdio motivado por preconceito de cor, religião, diferença social por parte de um ou mais indivíduos envolvidos na cena. É neste momento que a segregação social se manifesta. A segregação pode surgir com a ausência intencional de interesse em interagir com o outro.

Segundo NETTO (2014) a transição entre a copresença e o relacionamento social parte de um processo de “negociação” e reciprocidade entre os atores em função de uma série de encontros rotineiros.

O desempenho das atividades que viabilizam um sistema social depende da implicação das ações e troca de informações entre atores. Depende fundamentalmente da copresença, encontro e interação, assim como depende do que Giddens define como rotinização desses processos. Uma chave para o entendimento da segregação sobre o corpo pode ser encontrada na compreensão da rotinização da vida coletiva, e na conformação das rotinas de atores socialmente distintos principalmente em função da renda e campo ou classe social (NETTO, 2014, p. 51).

NETTO (2013) busca na filosofia a base teórica para tecer considerações referentes ao termo urbanidade, tendo como ponto de partida a definição de senso comum onde o termo é considerado “civildade do convívio”. Segundo o autor, a urbanidade, enquanto contato entre os diferentes, implica no reconhecimento mútuo das diferenças no momento do contato social. Ele considera que os espaços urbanos devem

superar a restrição da interação entre os atores por meio de três principais suportes, sendo: 1) copresença dos diferentes, produzidas em canais de movimento ou em lugares de atividades; 2) reconhecimento das diferenças na copresença; e 3) potencial de interação entre os diferentes. O autor sugere três dimensões analíticas a respeito do termo urbanidade:

- a) Dimensão Fenomenológica, considera que o fator de interação social surge em função da experiência compartilhada;
- b) Dimensão Comunicativa, referente à interpretação cognitiva dos significados, a qual deve ser inerente ao contexto, associando a copresença ao espaço-temporal das interações; e
- c) Dimensão Ontológica, onde a urbanidade pode se apresentar como meio de integração ou como resultado. A cidade relaciona o humano com o aspecto material.

Segundo NETTO (2013) os lugares de referência de atividades compartilhadas por atores distintos são os que têm maior potencial de urbanidade. Contudo, nota-se que a conclusão que NETTO chegou por meio de estudos filosóficos, assemelha-se com os estudos de LYNCH (1960)¹, pelo fato deste considerar que o espaço com potencial atrativo de grande número de pessoas, como o nó ou ponto focal, seja um dos cinco elementos da estrutura urbana que deva ser perpetuado, em virtude de sua importância para a memória coletiva do lugar.

AGUIAR (2012) constrói o conceito de urbanidade a partir de um “caráter do urbano”. Considera o caráter, neste caso, como um conjunto de qualidades atribuídas ao espaço urbano. O termo urbanidade é comumente usado de modo figurado, relacionando a morfologia urbana às impressões pessoais. O autor aparenta se colocar na qualidade de usuário do espaço, descrevendo suas percepções cognitivas a partir de sua interação com a paisagem do entorno. AGUIAR (2012) define urbanidade associando características de receptividade à configuração urbana e usa termos como, espaço aconchegante, local hospitaleiro, rua dotada de civilidade. O autor faz ainda um panorama a respeito do termo urbanidade em outros autores. É o caso de JACOBS

¹ Os estudos de Lynch foram realizados através de sequências espaciais, com registros em forma de croquis de seus mapas mentais de um dado percurso, identificando os cinco elementos (limite, nó, marco visual, ponto focal e zona), como sendo elementos dos espaços públicos impregnantes na imagem mental do transeunte.

(1973), sobre a importância da diversidade de uso das edificações como forma de incentivo à vitalidade de espaços públicos. Já em LYNCH (1960), o espaço urbano é a essência da urbanidade, onde as pessoas são elementos importantes na interação com o cenário urbano, contribuindo para sua composição. AGUIAR considera ainda que a clareza e leitura da cidade sejam o ponto principal na condição de urbanidade.

Lynch utiliza dentre seus conceitos base aquele de legibilidade ou clareza, que ele define como sendo “a facilidade com que as partes da cidade podem ser reconhecidas e organizadas em um modelo coerente” na percepção de um observador ou usuário; um modelo coerente, ou seja, uma estrutura. (...) Para o autor essa gradação de legibilidade das diferentes partes da cidade estaria associada à percepção por parte do observador/habitante de uma estrutura, um todo espacial, em relação ao qual as diferentes partes e elementos são percebidos. Essa clareza e facilidade de uma determinada situação da cidade ser lida, referenciada a um todo maior, parece ser o elemento central na condição de urbanidade, e de sua gradação. (AGUIAR, 2012, p. 66)

Um aspecto que deve ser observado neste estudo diz respeito às características morfológicas do espaço em análise. Estudos conduzidos sobre o desempenho de usuários em áreas urbanas podem ser subdivididos em função na configuração dos assentamentos. As condições de desempenho nas áreas de desenho modernista dificultam as ocorrências para urbanidade e para o encontro de pessoas. Neste último grupo estão os trabalhos de HOLANDA (1984) e HILLIER (1989). Os estudos de sintaxe espacial de HILLIER referentes à publicização do espaço analisado, o sistema de barreiras e permeabilidades em escalas global, a axialidade da trama urbana de arranjo espacial ou escala local de organização convexa do espaço público, concorrem para demonstrar essa assertiva.

Quanto mais essa configuração espacial do espaço público dada pelo posicionamento das edificações for substituída por um espaço público contínuo pontuado por edificações – ao modo de Brasília ou Chandigar – menos teremos a dita condição de convexidade ou de enclausuramento ou ainda, se quisermos, de acolhimento (AGUIA, 2012, p. 69).

Segundo AGUIAR, os estudos de HILLIER e HANSON (1984) têm como tema central a urbanidade, a qual estaria pautada em três pilares, sendo o primeiro a organização global dos espaços por meio de redes de áreas urbanas que sustentam os padrões de movimento de pessoas; o segundo é o conceito de “comunidade virtual”, a qual seria constituída por grupo heterogêneo potencialmente constituído; o terceiro pilar

de HILLIER é o estudo do espaço público na escala local, que trata da organização convexa dos espaços públicos de uso coletivo.

Urbanidade, enquanto “caráter do urbano” como AGUIAR sugeriu, pode ser interpretado como um conjunto de qualidades atribuídas ao espaço, enfatizadas nos estudos dos autores citados por ele, ou seja, que possua a vitalidade propiciada por diversidade de uso almejada por JACOBS; de fácil leitura e percepção para seu observador, conforme contribuição de LYNCH; com configuração morfológica composta de espaços convexos com grande número de portas para o espaço público, e com uma estrutura viária bem conectada de modo a atrair um público heterogêneo, conforme os anseios de HILLIER e de HOLANDA.

Corroborando com as ideias de AGUIAR (2012) podemos conceituar urbanidade aqui como sendo a qualidade atribuída a um espaço público de fácil legibilidade, constituído de vitalidade, promovida por diversidade de uso e morfologia urbana com grande número de permeabilidades, sejam elas em virtude de quantidade de portas que interligam as edificações aos os espaços públicos, ou permeabilidades propiciadas por uma rede viária bem conectada de modo a atrair um público heterogêneo.

Nota-se que apesar de considerar que urbanidade seria uma qualidade atribuída ao espaço público, o foco principal é o usuário deste espaço, a maneira como ele convive a partir do que percebe, interpreta e atua, ou seja, como o indivíduo se comunica com o espaço e como ele se relaciona com as pessoas ali presentes. Desta forma podemos conceituar urbanidade também como sendo a interação entre os usuários em função das condições dadas pelo distintos elementos que constituem o espaço urbano.

Segundo HOLANDA (2002), áreas públicas com concentração de edificações com diversidade de uso, são consideradas como espaços com maior probabilidade em potencial de copresença. Foi dito anteriormente que a rotinização de copresença pode evoluir para a interação social. Podemos considerar então que a rotinização de copresença em áreas de concentração de diversidade de uso, tende a potencializar a probabilidade de interações sociais.

Segundo NETTO (2014) a segregação opera como controle de presença e ausência. Ela é uma maneira de restrição à interação entre atores socialmente diferentes. Para o autor, a dinâmica cotidiana e os lugares onde os atores se movimentam têm um

papel chave na restrição da segregação. É importante que se entenda o conceito de apropriação social para a interpretação da relação do corpo com o espaço.

“Esse aspecto da apropriação social, de traços mais visíveis ou autoevidentes, será essencial para revelar a cidade como não disponível para todos os seus habitantes da mesma maneira e da mesma intensidade”. (NETTO, 2014, p. 72).

O autor considera importante, para seu estudo, o reconhecimento da acessibilidade e da existência de lugares de atividades que envolvem a interação social, como as nodalidades urbanas, ou seja, os cruzamentos de vias com potencial atrativo de pessoas, pois o movimento dos atores ocorre em função da localização das atividades na trama urbana e em virtude do meio de locomoção utilizado no percurso. Os atores socialmente diferentes, em geral, escolhem formas de movimento e percursos distintos. Essas diferenças de escolhas de percurso, inerentes a cada classe social, podem configurar padrões de apropriação. NETTO (2014) atribui a segregação à diferença entre esses padrões de apropriação, e descreve possibilidades típicas de movimento em virtude da classe social a que os atores pertencem, e acrescenta que a copresença entre atores de baixo poder aquisitivo, ocorra com mais intensidade nos pontos de transporte coletivo e no entorno das residências. Já na classe social mais abastada, a situação de copresença tem maior influência de fatores de ordem transpacial, em virtude de utilizar o transporte particular para seu deslocamento cotidiano, ampliando consideravelmente suas opções de deslocamento, não se limitando ao entorno da vizinhança ou as opções de percurso das linhas de ônibus.

A investigação sobre copresença é central nos estudos da Sintaxe Espacial realizados na Unit for Architectural Studies, da Bartlett School of Architecture and Planning, da Universidade de Londres, sob a direção de Bill Hillier, e está publicada no livro que Hillier escreveu com Julienne Hanson em 1984 (HILLIER e HANSON, 1984). A teoria desenvolvida por Hillier é constantemente aplicada e aprimorada em diversos estudos de casos (HILLIER 1984, 1985, 1988). Aqui no Brasil, a maioria dos estudos que seguem esta linha de pesquisa de Bill Hillier é realizada por Frederico de Holanda, na Universidade de Brasília – UnB.

No início da década de 1990, a UnB fez convênio com algumas universidades brasileiras, como foi o caso da UFPa², para avançar nas pesquisas sobre “Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização”, promovendo parcerias em cursos de especialização sobre Desenho Urbano. O interesse da UnB em promover uma metodologia de pesquisa sobre o aspecto morfológico do espaço urbano foi despertado durante o I Seminário de Desenho Urbano no Brasil, realizado na UnB em 1984, por considerar que os arquitetos, tradicionais protagonistas do debate, desconsideram a importância do aspecto morfológico em análises do espaço urbano. Os pesquisadores da UnB acreditam que no período anterior à década de 70, os arquitetos discutiam o espaço para uma sociedade abstrata, idealizada, e não as implicações de espaço concebido em virtude das práticas sociais existentes. Após a década de 70 eles passaram a discutir a sociedade real sem dar importância às influências que o aspecto concreto exerce sobre sua organização.

Se no período anterior a 70 a organização social é negligenciada, no que vem até nossos dias a organização do espaço é posta sistematicamente de lado. Embora os dois períodos sejam de naturezas diversas e tenham envolvidos personagens e estruturas ideológicas aparentemente opostas, há um ponto comum entre eles: a não colocação em questão dos modelos espaciais adotados e de suas implicações a nível de apropriação e percepção social do espaço edificado, das modificações do meio ambiente natural pelo espaço edificado e da utilização e subutilização dos equipamentos e espaços urbanos. (HOLANDA, 1988, p. 5)

HOLANDA (1988) apontou que a ausência de congruência entre os estilos de vida dos agentes sociais nos espaços abertos, tem levado “a custos sociais e econômicos elevados em inúmeros casos de projetos de renovação urbana e/ou novas áreas habitacionais, ou ainda áreas centrais de cidades.” (HOLANDA, 1988, p. 5 e 6).

Cabe observar que os níveis analíticos propostos por HOLANDA são ajustados mediante o aprimoramento e foco da pesquisa. Conforme HOLANDA (2002) a teoria da Sintaxe Espacial usa três categorias analíticas (dos padrões espaciais, da vida espacial e da vida social) para estudar a copresença, ou seja, a possibilidades de encontro de pessoas nos espaços públicos de uso coletivo. Segundo a teoria, a

² Em 1991 foi realizado um curso de especialização com a presença de professores da UnB e da UFPa, no qual a autora participou. O programa do curso foi definido a partir das diversas abordagens de desenho urbano em curso na UnB, para mais detalhes da pesquisa ver: BRITTO; OTÁLORA ; PIMENTEL (1992).

organização espacial dos assentamentos urbanos é constituída de barreiras morfológicas e permeabilidades.

Segundo HOLANDA (1993), estudos sobre a Sintaxe Espacial, desenvolvidos por HILLIER em 1986, consideram o sistema de barreiras e permeabilidades como indicador de copresença em potencial face ao Sistema de Práticas Sociais (SCP), que pode ser medido quantitativamente a nível global através da axialidade da trama viária; ou local por meio da convexidade da morfologia urbana.

Esta pesquisa optou por fazer a investigação da análise morfológica usando mapas de convexidade, por constituir uma abordagem focada no comportamento do pedestre, portanto trata-se de análise com abrangência local restrita à delimitação da área de estudo. Apesar de reconhecer a influência da trama urbana na composição da rede de acessibilidade dos percursos cotidianos de pedestres, optou-se por substituir a análise de probabilidade em potencial de encontros obtidos por linhas axiais, pela análise de linhas de percursos reais de pedestres, realizados por respondentes da pesquisa.

3.0. METODOLOGIA UTILIZADA

O presente trabalho optou por usar vários métodos distintos para investigação do problema de pesquisa, por considerar que a análise de um espaço urbano envolve vários condicionantes. Neste sentido o uso de distintos métodos analíticos, trabalhados de maneira complementar, pode apontar para uma análise de resultado mais confiável, com diferentes pontos de vista de abordagem, propiciando que cada resultado analisado separadamente, tenha sido confrontado e validado pelos demais. O QUADRO 2 apresenta os métodos usados, relacionados aos objetivos específicos desta pesquisa.

QUADRO 2: Métodos, Indicadores e Análise da Pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MÉTODOS	INDICADORES	ANÁLISE
Caracterizar os grupos sociais residentes em tipologias existentes no entorno da Av. Augusto Montenegro	Aplicação de questionários socioeconômicos por local de moradia	Nível de renda, escolaridade e local de moradia	Frequência de ocorrência das variáveis
	Observação da vida social	Locais e horários de contatos interpessoais nos espaços públicos.	Análise de locais e horários de concentração de pessoas nos espaços públicos motivadas por relações espaciais ou transpaciais.
Relacionar os grupos sociais a acessibilidade existente na área de expansão de Belém	Aplicação de questionário por tipologia morfológica e desenho de linhas de percurso	Locais de contatos interpessoais por intensidade em cinco morfologias	Copresença nos percursos entre os moradores das 4 tipologias pesquisadas por espaço convexo
Investigar os fatores morfológicos presentes nos locais onde ocorrem contatos interpessoais	Comparar as informações obtidas no questionário e mapa de percurso com o mapa de convexidade.	Locais onde ocorre maior intensidade de relações sociais.	Análise da integração social através da copresença entre os moradores dos assentamentos pesquisados por espaço convexo, através do cruzamento do mapa de convexidade com o mapa de percurso por turnos de atividades cotidianas.
	Desenho de mapa de convexidade	Número de portas por espaço convexo.	

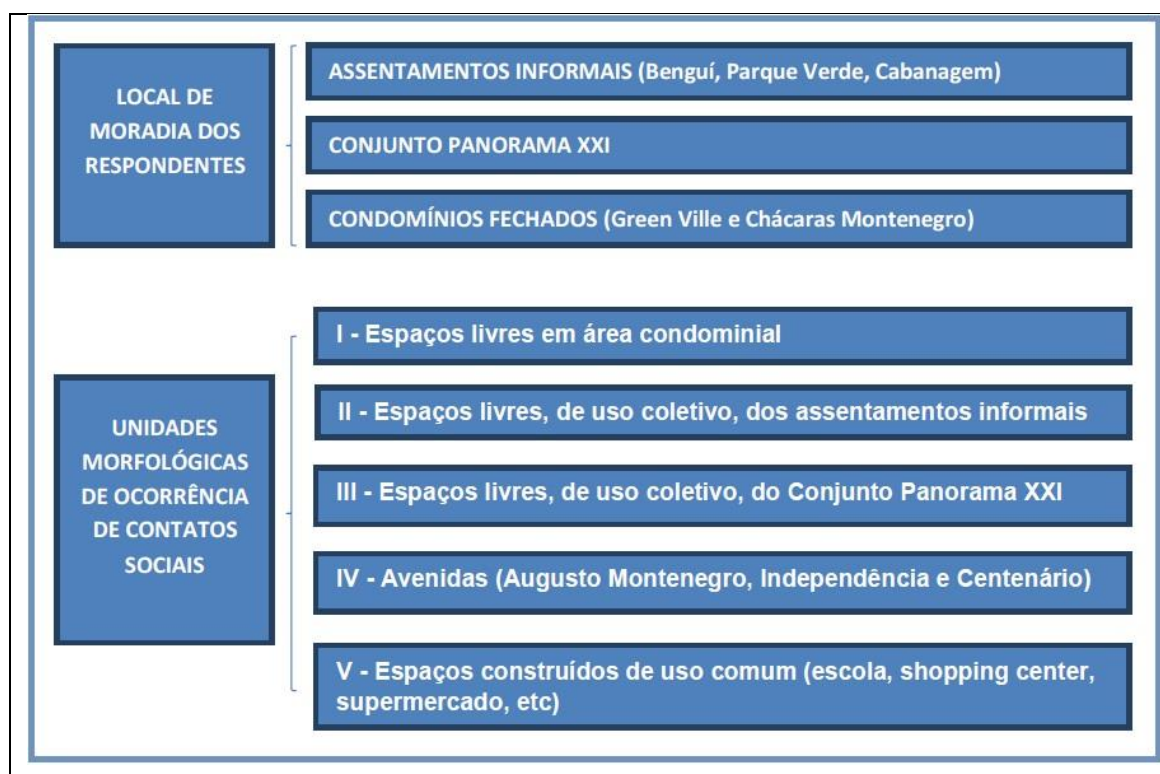
Fonte: Autora, 2017

3.1. Aplicação de questionário e observação da vida social

A aplicação de questionários, associada à observação de campo, para investigação e análise da Vida Social, abrangeu o universo de 59 respondentes moradores de tipologias morfológicas distintas, situadas na área objeto de estudo, sendo 20 moradores de conjunto habitacional horizontal, 20 moradores de imóveis situados

em áreas, que apresentavam características morfológicas tradicionais de assentamento informal, (sendo 8 no Bairro do Benguí, 8 no Bairro da Cabanagem e 4 no Bairro do Parque Verde), e 19 moradores de condomínios residenciais, dentre estes, 11 moradores de condomínios verticais e 08 residentes em condomínio horizontal. O objetivo dos questionamentos era investigar o perfil socioeconômico (com base em renda familiar, escolaridade e meio de transporte usado nos percursos cotidianos de trajetos casa/trabalho, casa/estudo, casa/compras diárias semanais ou mensais, casa/serviços médicos e odontológicos e casa/lazer) e investigar os momentos de ocorrência e as modalidades de contatos interpessoais (ver ou cumprimentar, dialogar ou fazer amizade), ocorridos ocasionalmente em espaços de uso comum, indicando se os locais são públicos ou privados. O respondente informava a localização de ocorrência dos contatos interpessoais, entre as cinco unidades morfológicas citadas no QUADRO 3, a seguir.

QUADRO 3: Quadro da Aplicação de Questionários



Fonte: Autora, 2017

A aplicação do questionário a respondentes moradores de tipologias morfológicas distintas é justificada por dois motivos, sendo o primeiro por considerar que o local de moradia complementaria a caracterização de padrão socioeconômico; o segundo, para investigar se os fatores morfológicos relacionados à tipologia habitacional (dentre eles a transição espaço público/ privado, a implantação da edificação no lote e seu entorno imediato) teriam influências na probabilidade de copresença nos espaços públicos. Estas informações da vida social e espacial corroboraram com a análise do outro método usado nesta pesquisa, que investiga o uso da sintaxe espacial em espaço convexo público, contíguo à sua conexão com o espaço privado.

3.2. Mapeamento de linhas de percursos cotidianos

Este método partiu do desenho de linhas de percursos cotidianos em mapas anexados aos questionários, em escala gráfica, abrangendo espaço de uma folha de papel em formato A3. Os referidos questionários continham dois mapas da área em estudo, sendo um para registro de percursos ocorridos durante a semana e outro para registro de percursos realizados nos sábados e domingos. Os respondentes dos questionários indicavam os percursos realizados, em cada turno do dia. Foram convencionadas cores distintas para registro de cada turno, de modo que os percursos realizados pela manhã eram registrados com caneta na cor vermelha, os da tarde eram em azul e os percursos feitos no período noturno foram registrados na cor verde. Foi convencionado também o meio de locomoção dos percursos, sendo linha contínua para trajetos realizados a pé e linha tracejada para percursos usando meios de transporte. Como exemplo, o mapa de um respondente que faz um percurso de ida para o trabalho, usando transporte público no período matutino, tem percurso representado por linha vermelha contínua no trecho de sua casa até o ponto de ônibus, seguindo tracejada, a partir daí até o limite da área de estudo. Os respondentes informaram também o local onde ocorreu ou costumam ocorrer contatos interpessoais ao longo dos trechos de percursos. Com base nas informações dos respondentes, foram registrados no mapa os locais de ocorrência destes encontros, tendo sido convencionado o registro de um círculo contendo a letra “C” para encontro casual que gerou um cumprimento, a letra

“D” para registrar o local de ocorrência de diálogo e a letra “A” para o local onde ocorreu um encontro casual que evoluiu para uma amizade.

3.3. Desenho de mapas de convexidade para análise de atributos morfológicos

O espaço convexo pode ser definido como sendo um espaço topológico, um trecho do espaço público delimitado por barreiras morfológicas (edificações, muros, espelhos d'água), que constituem um polígono convexo, onde não pode haver uma linha interligando dois pontos do polígono que passe por fora dele. Como exemplos de polígonos convexos, temos o círculo, o retângulo, o trapézio, o pentágono; já um ambiente em forma de “L” não é um espaço convexo, pois ao traçar uma linha ligando as duas extremidades do “L”, ela teria que passar por fora do ambiente. Conforme a teoria da Sintaxe Espacial, referente ao estudo de Convexidade, as pessoas que estão no mesmo espaço convexo têm liberdade de acesso umas às outras sem que haja barreira morfológica que impeça ou iniba a possibilidade do encontro.

Também podem ser extraídos do mapa de convexidade, atributos morfológicos como: percentual de espaços convexos cegos (muros cegos, sem portas); perímetro das barreiras por entrada; espaço convexo médio. HOLANDA cita a Esplanada dos Ministérios como sendo um espaço convexo maior que a média encontrada na morfologia urbana da área adjacente ao Lago Paranoá, ambos em Brasília. “Lugares convexos menores têm sido historicamente identificados com utilização secular, enquanto lugares maiores com utilização simbólica”. (HOLANDA, 2002, p. 100)

A análise da vida espacial deve atentar para o potencial atrativo de pessoas em função do uso das edificações presentes nos espaços públicos, a variedade dos rótulos e a relação dos rótulos entre si, pois um espaço convexo composto de lojas, bares e casa noturna, teoricamente terá um potencial atrativo de pessoas durante o dia e a noite. “Em geral a não diversidade dos rótulos implica um espaço público pobremente utilizado”. (HOLANDA, 2002, p. 109).

HOLANDA (1993) considera como fator morfológico indicador de copresença, no enfoque local, a relação matemática entre o número de portas e o espaço convexo, sendo que os estudos levam em conta que também existem fatores extra morfológicos interferindo no sistema de copresença.

Aos atributos propostos por HOLANDA e GOBBI (1988) para a análise de potencial de copresença, em função de características morfológicas, baseadas no tamanho dos espaços definidos em função da teoria da sintaxe espacial, são: convexidade dos espaços (representada por y em unidades de área), número de constituições ou portas (representado por x). O grau de constitutividade é calculado através de relações entre o número de constituições (x) e as características dos espaços convexos e a área total do assentamento conforme observado no QUADRO 4 abaixo.

Devido os espaços convexos possuírem dimensões distintas, há a necessidade de que sejam feitas análises das relações matemáticas entre a ocorrência de constituições por unidade de área de espaço convexo. O que pode trazer maior precisão para relacionar quantitativamente as propriedades morfológicas e a ocorrência de copresença nos espaços. Os atributos analíticos permitem observar a probabilidade de copresença nos espaços abertos entre habitante/habitante e habitante/estranho. Assim, o quadro abaixo mostra as relações entre número de constituições e áreas de espaços convexos visando subsidiar as análises conduzidas nesta pesquisa.

QUADRO 4: Intervalos de Mensuração

ATRIBUTOS ANÁLITICOS	MORFOLOGIA DE RESTRIÇÃO	MORFOLOGIA DE AMBIVALÊNCIA	MORFOLOGIA DE ROBUSTEZ
Percentual de área de espaço convexo por Área Total (y / AT) %	>61	41-60	<40
Área de espaço convexo médio (y médio) m^2	>1.500	501-1.500	<500
Média da área de espaço convexo por quantidade de constituições (média de y / x) m^2	>600	300-600	<300
Média de constituições por unidade de espaço convexo (média de x / y) unid.	<2	2-5	>5
Percentual de área com constituição nula (percentual de espaço convexo sem porta) (% de y c/ const. $x=0$) %	>41	21-40	<20

Fonte: Holanda e Gobbi, 1988 (adaptado).

Para efeito de análise, HOLANDA e GOBBI (1988) sugerem agrupar “famílias morfológicas” em três grandes classes: a) morfologia de restrição; b) morfologia de robustez; c) morfologia de ambivalência. A morfologia de restrição refere-se aos códigos morfológicos transpaciais (estabelecidos a partir da atração e presença de estranhos a moradores de um espaço urbano), cujas dimensões estruturais estão relacionadas às práticas simbólicas e à reprodução de relações sociais hierarquizadas, pois os códigos morfológicos transpaciais denotam um fluxo fraco de transeuntes, concentrado no tempo, com ocorrência em determinados períodos.

Os autores consideram como morfologia de robustez, a configuração urbana que propicia o maior número de possibilidades de encontros de usuários do espaço urbano, num sistema de copresença, estando relacionada aos códigos morfológicos espaciais, inerentes às práticas sociais, com a presença intensa de pessoas nos espaços abertos de uso coletivo, tanto de moradores como de estranhos. A morfologia de ambivalência é o meio-termo, consiste de áreas de sombreamento entre as duas famílias morfológicas extremas. Os valores estabelecidos, foram definidos em função de parâmetros obtidos por observação no uso de espaços públicos, algo em torno de intervalos de áreas de 500m^2 a 1.500m^2 , e médias entre 300m^2 e 600m^2 , observados na morfologia de Brasília, como limiares para distinguir ilhas de espaços convexos, capazes de utilização adequada por usuários a pé. Já para determinar o número de constituições, parte-se da existência de mais de um até o intervalo de 2 a 5 portas e a seguir, mais de 5 portas, também observados pela existência de constituições em Brasília, pelos espaços convexos ali definidos. Os mesmos intervalos foram utilizados por REIS (1993) na pesquisa de copresença no Centro de Florianópolis - PR. Tais intervalos foram também adotados nesta pesquisa para uma avaliação do potencial de copresença, devido a características morfológicas da área da Av. Augusto Montenegro em Belém.

O método partiu de desenho de mapa de convexidade, após confecção de mapa de ilhas espaciais (figura/fundo), considerando as edificações como barreiras representadas na cor preta e os espaços livres em branco. A partir daí foi desenhado o mapa de convexidade, por meio da subdivisão dos espaços públicos em menor número de maiores espaços convexos. Com o mapa em mãos, partiu-se para campo para registro das portas das edificações com acesso a cada espaço convexo. Após o levantamento de

campo, iniciou-se o “trabalho de escritório”, que consistiu na confecção de versões de mapas de convexidade, associados aos atributos morfológicos objetos de análise específica, gerando assim novos mapas com convenções distintas de modo a tornar a análise mais didática. A área em estudo foi dividida em três unidades morfológicas, sendo estas, espaços públicos dos assentamentos informais, espaços públicos do Conjunto Panorama XXI e as áreas das Avenidas principais (Augusto Montenegro, Centenário e Independência), cabendo observar que as áreas de uso comum dos condomínios fechados não foram incluídas na análise da convexidade, pois a intenção do uso deste método é investigar a probabilidade em potencial de encontros interpessoais, realizados nos espaços públicos de uso coletivo.

Os atributos analisados (percentual de área de espaço convexo por área total; área de espaço convexo médio; média de área de espaço convexo por quantidade de portas; média de portas por espaço convexo e percentual de espaço convexo sem porta), seguiram os critérios de avaliação constantes no quadro 4 (intervalos de mensuração), que serviram de base para gerar o QUADRO 11, situada no capítulo 4 que trata de Resultados, a fim de identificar se a área analisada possui características morfológicas de restrição (código morfológico transpacial, menor copresença), de ambivalência (copresença média), ou de robustez (código morfológico espacial, maior copresença).

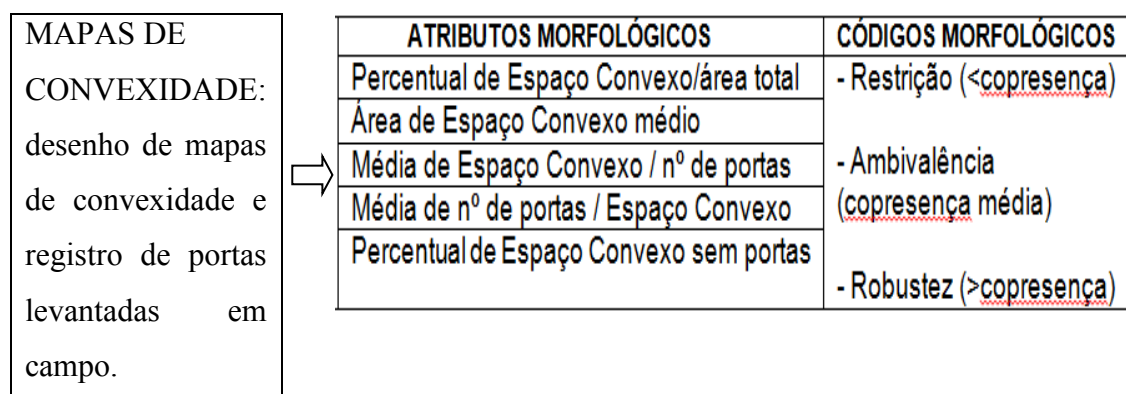


Figura 3.1: Esquema Metodológico da Convexidade.

Fonte: Autora, 2017.

Considera-se que, a aplicação de vários métodos para investigar a apropriação de espaço urbano por pedestres, seja importante, no sentido de evitar interpretações de resultado com base em análise de apenas um ponto de vista, em face da diversidade de interesses distintos de grupos sociais e de tipologias morfológicas presentes na área de estudo.

4.0 RESULTADOS

4.1 Introdução ao capítulo

Os resultados da pesquisa de campo são apresentados neste capítulo conforme os três níveis de análise, o primeiro é referente à análise da vida social, o segundo da vida espacial, e o terceiro dos padrões espaciais existentes na área de estudo (HOLANDA, 2002). Conforme já especificado no Capítulo 2 desta dissertação, optou-se por relatar os resultados da pesquisa em ordem inversa aquela exposta por HOLANDA, quando inicia sobre os padrões espaciais, para em seguida, abordar os demais níveis.

A vida social, foi analisada por meio de informações, obtidas a partir de uma abordagem sobre o perfil socioeconômico de respondentes a questionários (Apêndice A), enquanto a vida espacial, resulta de preenchimento pelo respondente de um formulário (Apêndice A), com mapa anexado ao mesmo (Apêndice B), onde foi pedido que declarasse onde, na semana da aplicação, teve contatos interpessoais quando do seu deslocamento para escola, trabalho, compras no cotidiano, tanto em dias de semana como em fins de semana. As informações sobre a renda familiar, a escolaridade, horários de percursos cotidianos e meio de locomoção usado nos deslocamentos, foram cruzados com as informações referentes ao local onde os contatos interpessoais se realizaram, a saber: espaços livres na área condominial; espaços livres de uso coletivo dos assentamentos informais; espaços livres, de uso coletivo, do Conjunto Panorama XXI; ao longo das avenidas e nos espaços construídos de uso comum (Escola, Shopping Center, Supermercado, etc.). A investigação de padrão espacial foi realizada com base nas técnicas de sintaxe para análise da convexidade, a fim de verificar se os padrões morfológicos existentes na área de estudo, exercem influência incentivadora ou inibidora de copresença. O registro no mapa de convexidade, foi analisado em conjuntamente com registros das linhas de percursos cotidianos, agregado aos relatos de contato interpessoal de diversas naturezas (ver, dialogar, fazer amizade).

Partindo do princípio de que a malha viária oferece várias opções de percursos, é importante para esta pesquisa analisar os atributos morfológicos e não morfológicos, potencializadores da copresença, existentes na área do entorno da Av. Augusto Montenegro em Belém, objeto deste estudo.

Apresentamos a seguir, um mapa espacializando a área de abrangência do objeto da pesquisa.

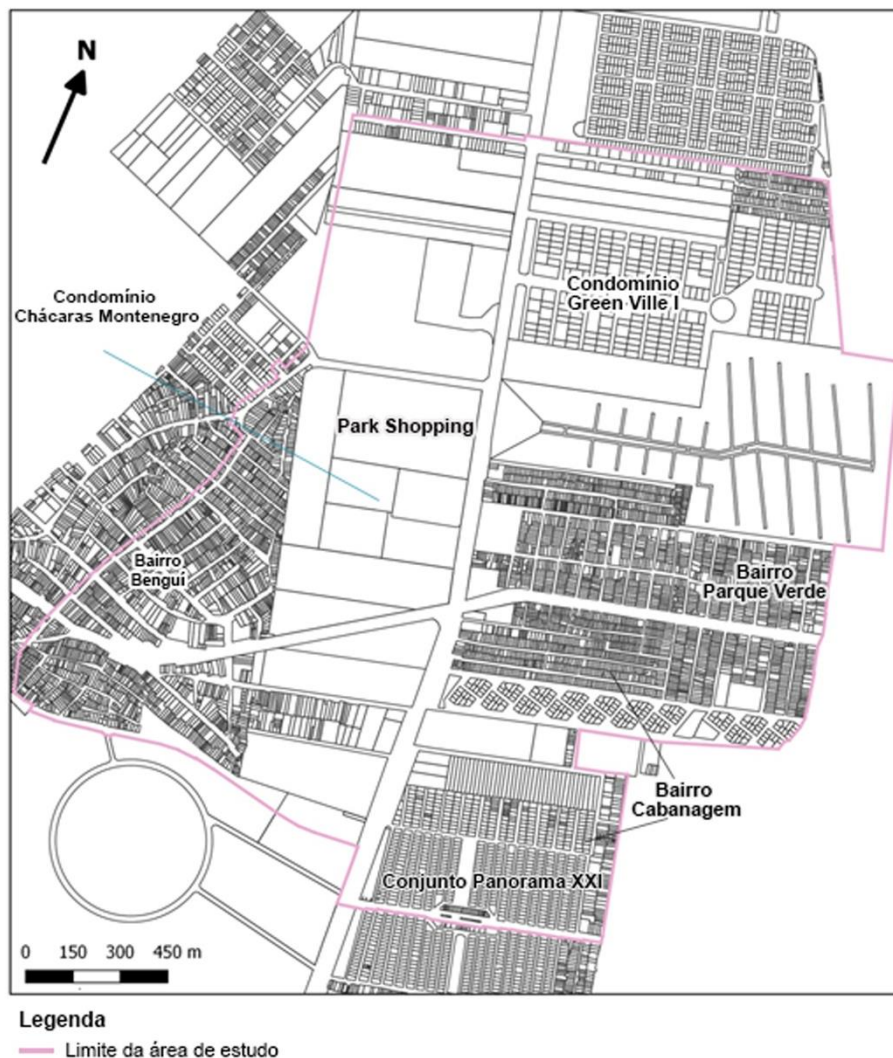


Figura 4.1: Mapa com a área de estudo indicando os locais de moradia dos respondentes da pesquisa de campo

Fonte: adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

4.2. Vida Social

Os resultados de questionários aplicados a 59 pessoas (Apêndice A), que residem na Área em Estudo, indicam o perfil socioeconômico dos moradores, sendo 20 residentes de assentamentos informais situados em 3 bairros distintos: Benguí (Figura 4.2), Cabanagem e Parque Verde; 20 moradores do conjunto habitacional Panorama XXI (Figura 4.3); e 19 distribuídos em condomínios fechados, sendo que 8 destes

moram no condomínio horizontal Green Ville (Figura 4.4) e 11 são moradores do Chácaras Montenegro (Figura 4.5).



Figura 4.2: Assentamento informal no bairro do Benguí

Fonte: foto da autora, 2015



Figura 4.3: Conjunto habitacional Panorama XXI

Fonte: foto da autora, 2015



Figura 4.4: Entrada do Condomínio fechado Green Ville

Fonte: foto da autora, 2015.



Figura 4.5: Acesso ao Condomínio fechado Chácara Montenegro

Fonte: foto da autora, 2015.

O local de moradia em conjunto com a renda caracteriza a área de estudo quanto à existência de uma diversidade de assentamentos ligados ao mesmo espaço público. O QUADRO 5 abaixo, apresenta a renda familiar dos entrevistados no estudo de caso desta pesquisa.

QUADRO 5: Extrato de renda familiar de respondentes segundo local de moradia, nas três subáreas de estudo.

Local de moradia dos respondentes	Abaixo de 1 SM	1 a 3 SM	4 a 6 SM	7 a 9 SM	10 ou mais SM	Sem Informação	Total de Respondentes
Assentamentos informais	1 (5%)	15 (75%)	4 (20%)	0	0	0	20 (100%)
Conjunto habitacional	0	13 (65%)	4 (20%)	0	1 (5%)	2 (10%)	20 (100%)
Condomínios fechados	0	2 (10%)	0	5 (26%)	12 (63%)	0	19 (100%)
Total da Área de estudo	1(1%)	30(50%)	8(13%)	5(8%)	13(22%)	2(3%)	59(100%)

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O resultado da pesquisa sobre renda familiar (**QUADRO 5**), mostra que a tipologia urbana está associada ao perfil socioeconômico do residente. Foi constatado na pesquisa que, dos 59 respondentes, 50% dos moradores da área de estudo possuem renda familiar de 1 até 3 salários mínimos (SM), sendo que, nesta faixa de salarial, contribuindo para este valor, estão presentes 15 dentre os 20 residentes em assentamentos informais, correspondendo assim a 75% dos moradores desta tipologia morfológica; 13 (65%) são moradores do Conjunto Panorama XXI; e 2 (10%) residem em condomínios fechados.

Dentre os oito (8) respondentes que recebem de 4 até 6 SM, a metade deles mora em assentamentos informais e outra metade reside no Conjunto Panorama XXI.

Todas as famílias dos cinco (5) respondentes com renda entre 7 e 9 SM residem em condomínios fechados.

Na faixa salarial de 10 ou mais SM estão presentes 12 moradores de condomínios fechados e apenas um residente do Conjunto Panorama XXI.

O resultado dos dados sobre a escolaridade (**QUADRO 6**), aponta que os respondentes com formação entre ensino fundamental até ensino médio completo, 18 deles, representam 90% dos respondentes residentes em Assentamentos Informais, e 75% dos moradores (15) do Conjunto Panorama XXI. Nenhum respondente desta faixa de escolaridade reside em Condomínios Fechados, pois 100% dos moradores desses condomínios ingressaram no ensino superior, sendo que 42% completaram a graduação e 32% são pós-graduados.

QUADRO 6: Escolaridade de respondentes residentes nas subáreas de estudo, 2015.

LOCAL DE MORADIA	Ensino Fund. incompl.	Ensino Fund. compl.	Ensino médio incompl.	Ensino médio compl.	Ensino Sup. incompl.	Ensino Sup. comp.	Pós-graduaç. incompl.	Pós-graduaç. comp.	Sem Info.	Total de respondentes
ASSENTAM. INFORMAIS	6 (30%)	0	5 (25)	7 (35%)	1 (5%)	1 (5%)	0	0	0	20 (100%)
CONJ. HABITAC.	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)	11 (55%)	4 (20%)	0	0	0	1 (5%)	20 (100%)
COND. FECHADOS	0	0	0	0	3 (16%)	8 (42%)	2 (10%)	6 (32%)	0	19 (100%)
ÁREA DE ESTUDO	7 (12%)	2 (3,4%)	6 (10.1%)	18 (30,5%)	8 (13,6%)	9 (15,2%)	2 (3,4%)	6 (10,1%)	1 (1,7%)	59 (100%)

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A escolaridade máxima da maioria dos respondentes que residem em assentamentos informais é ensino médio, sendo 5 respondentes com ensino médio incompleto e 7 completo; no Conjunto Panorama XXI, 11 moradores possuem ensino médio completo; nos condomínios fechados a escolaridade máxima da maioria dos moradores é de ensino superior completo, conforme informação de 8 respondentes, sendo que além destes, existem 6 moradores pós-graduados.

Quanto ao meio de locomoção usado na maioria dos percursos cotidianos realizados pelos respondentes, foi constatado que: 41 deslocamentos diários realizados por moradores de assentamentos informais são feitos a pé; a maioria dos deslocamentos de moradores do Panorama XXI também são realizados a pé, totalizando 32 percursos; os deslocamentos diários da maioria dos moradores de condomínios fechados somam viagens 76 realizadas em carro particular, (QUADRO 7 apresentado a seguir).

QUADRO 7: Meio de locomoção usado pelos respondentes nos deslocamentos cotidianos

LOCAL DE MORADIA	OBJETIVO DO DESLOCAM.	MEIO DE LOCOMOÇÃO							
		Carro	Moto partic.	Táxi	Moto-Táxi	Ônibus / Van	Bicicleta	a Pé	TOTAL
Assentamentos informais	Casa / Estudo	0	2	0	1	2	0	7	12
	Casa / Trabalho	3	2	0	0	0	0	3	08
	Casa / Compras diárias	2	0	0	0	0	1	13	16
	Casa / Compras sem/ mensal	4	2	1	0	0	1	7	15
	Casa / Lazer	3	5	0	1	3	0	7	19
	Casa / Serviço médico e odontológico	3	2	0	0	8	0	4	17
	Sub -Total	15 (17%)	13	1	2	13	2	41 (50%)	87 (100%)
Conjunto habitacional	Casa / Estudo	0	2	0	0	1	0	0	03
	Casa / Trabalho	0	4	0	0	1	0	5	10
	Casa / Compras diárias	0	0	0	0	0	0	15	15
	Casa / Compras sem/ mensal	5	3	2	0	2	1	1	14
	Casa / Lazer	4	2	0	0	3	0	6	15
	Casa / Serviço médico e odontológico	3	2	1	0	8	0	5	19
	Sub -Total	12 (15%)	13	3	0	15	1	32 (42%)	76
Condomínios fechados	Casa / Estudo	2	0	0	0	2	0	0	04
	Casa / Trabalho	15	0	0	0	0	0	1	16
	Casa / Compras diárias	11	0	0	0	0	0	3	14
	Casa / Compras sem/ mensal	14	0	0	0	0	0	1	15
	Casa / Lazer	18	7	0	1	7	0	14	47
	Casa / Serviço médico e odontológico.	16	0	0	0	2	0	0	18
	Sub -Total	76 (66%)	7²	0	1	11	0	19 (16%)	114 (100%)
TOTAL		103 (37%)	33 (11%)	4 (1%)	3 (1%)	39 (14%)	3 (1%)	92 (33%)	277 (100%)

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

No universo de 59 respondentes, a pesquisa obteve 277 respostas sobre meios de locomoção usados nos percursos cotidianos, pois existem respondentes que utilizam um meio de locomoção para realizar uma determinada atividade e outro meio para se deslocar para outra tarefa diária. 92 percursos de respondentes (33%) foram realizados a pé, dentre estes 41 percursos foram realizados por residentes de assentamentos informais, 32 no Conjunto Panorama XXI e 19 em condomínios fechados. Dentre os percursos realizados a pé por moradores de condomínios fechados, 14 destes são de deslocamento para atividade de lazer situada no *shopping center* localizado ao lado do

condomínio Chácaras Montenegro e em frente ao condomínio Green Ville Residence. Os percursos cotidianos realizados a pé, correspondem ao maior percentual (50%), dos deslocamentos realizados por respondentes moradores de assentamentos informais, sendo o de carro particular em menor percentual (17%). Entre os moradores de condomínios fechados a situação ocorre de maneira inversa, o carro particular representa o maior percentual (66%), de meio de locomoção e o percurso a pé corresponde a 16%, conforme o QUADRO 7, apresentado acima.

A opção pelo meio de locomoção para os deslocamentos entre casa e serviço médico e odontológico, para alguns entrevistados, depende da situação (se é uma consulta ou caso de urgência), e do tipo de enfermidade acometida pelo respondente. Houve entrevistado que respondeu optar por taxi em determinada situação e por moto-táxi em outra; outro entrevistado disse fazer o percurso a pé quando se desloca para laboratório ou posto de saúde situado na área de estudo, porém utiliza carro particular no percurso para serviços médicos e odontológicos situados em locais mais distantes.

Grande número de entrevistados, quando responderam ao item de deslocamento Casa/Lazer, disseram utilizar mais de um meio de locomoção para deslocamento nesta atividade, em virtude delas ocorrerem em locais distintos. Como exemplo, alguns moradores do Condomínio Chácaras Montenegro deslocam-se para o *shopping center* situado ao lado de seu condomínio, a pé, mas usa o carro particular para ir para um bar ou boate. Os moradores de condomínios fechados, que responderam usar motocicleta particular como meio de locomoção Casa/Lazer, na maioria das vezes usam a motocicleta como opção de lazer e não como meio de locomoção.

O QUADRO 8, apresentado a seguir, indica que a Vida Social dos respondentes, com base no perfil socioeconômico dos mesmos, aparenta uma semelhança entre os residentes nos assentamentos informais e no Conjunto Panorama XXI, pois a renda familiar da maioria dos mesmos encontra-se na faixa entre 1 até 3 SM, a maior escolaridade da maioria dos respondentes das duas unidades morfológicas é o ensino médio, e o meio de locomoção mais usado por ambos é a caminhada a pé.

QUADRO 8: Síntese de informações de renda, escolaridade e meios de locomoção de respondentes por local de moradia.

Local de Moradia	Renda Familiar da maioria dos respondentes (SM)	Maior escolaridade da maioria dos respondentes	Meio de locomoção mais usado pela maioria dos respondentes
Assentamentos Informais	1 até 3 SM	Ensino médio Completo: 7 respondentes.	Pé : 41
Conjunto Panorama XXI	1 até 3 SM	Ensino médio Completo: 11 respondentes.	Pé: 32
Condomínios Fechados	Acima de 10 SM	Ensino Superior Completo: 8 respondentes.	Carro : 76

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

4.3 Vida Espacial

A Vida Espacial foi analisada por meio da observação dos contatos interpessoais, ocasionais, ocorridos ao longo dos percursos cotidianos. No que se refere aos percursos realizados para atividades cotidianas, foram questionados sobre aqueles realizados nos dias de semana e aqueles que ocorrem nos finais de semana. Quanto aos primeiros, foi constatado que 27 pessoas entrevistadas caminham a pé, no turno matutino, no período de segunda-feira até sexta-feira, na área de estudo, sendo que dentre elas, 14 moram no Conjunto Panorama XXI e 13 nos assentamentos informais, distribuídas da seguinte forma: 3 residem no assentamento informal do bairro do Benguí, 6 no bairro da Cabanagem e 4 no bairro Parque Verde. Todos os respondentes que residem em condomínios, disseram não circular a pé, na área em estudo, fora dos limites do próprio condomínio, no turno matutino. Dois moradores do Condomínio Jatobá, circulam pela Avenida Augusto Montenegro a pé, de suas respectivas residências, até o Park Shopping, e ambos fazem este percurso tanto em dias da semana como no final de semana; já os moradores do Condomínio Ipê também costumam ir a pé ao Park Shopping, porém eles não circulam por vias públicas, pois existe um portão de acesso direto do condomínio ao *shopping center*.

Com base na análise das linhas de percurso, não foi observada copresença entre os moradores do Benguí, no período matutino, nos espaços públicos do próprio assentamento. Os contatos interpessoais têm probabilidade de ocorrer apenas entre dois respondentes, que costumam transitar a pé, no período noturno, pela Rua Betânia nos finais de semana. Em visitas cotidianas realizadas no assentamento do Benguí, foi observada a presença de várias pessoas circulando, a pé, pelos espaços públicos, porém

entre os respondentes do questionário, foi constatado que apenas dois respondentes circulam pelo mesmo trecho de via, no mesmo turno do dia e período da semana.

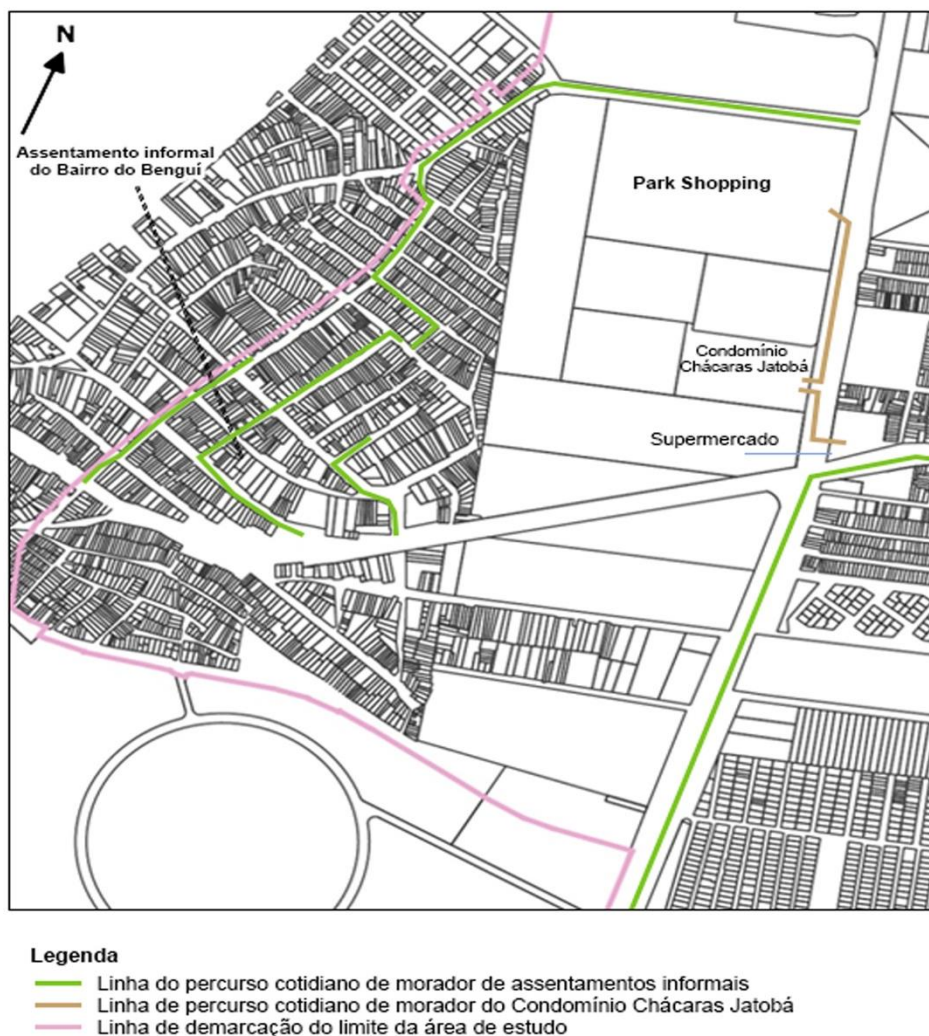


Figura 4.6: Mapa de Percursos Cotidianos, construído a partir do que foi indicado pelos respondentes, destacando a área do assentamento informal do Bairro do Bengui

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

A ocorrência de contatos interpessoais de pedestres é maior no período matutino, entre todos os respondentes da pesquisa, e ela ocorre em maior intensidade no Conjunto Panorama XXI. Das 18 pessoas questionadas que circulam no período matutino na Rua Principal do conjunto, onde há uma feira, 12 são moradores do Panorama XXI, 5 moradores do assentamento do bairro da Cabanagem e 1 residente no assentamento informal do bairro Parque Verde.

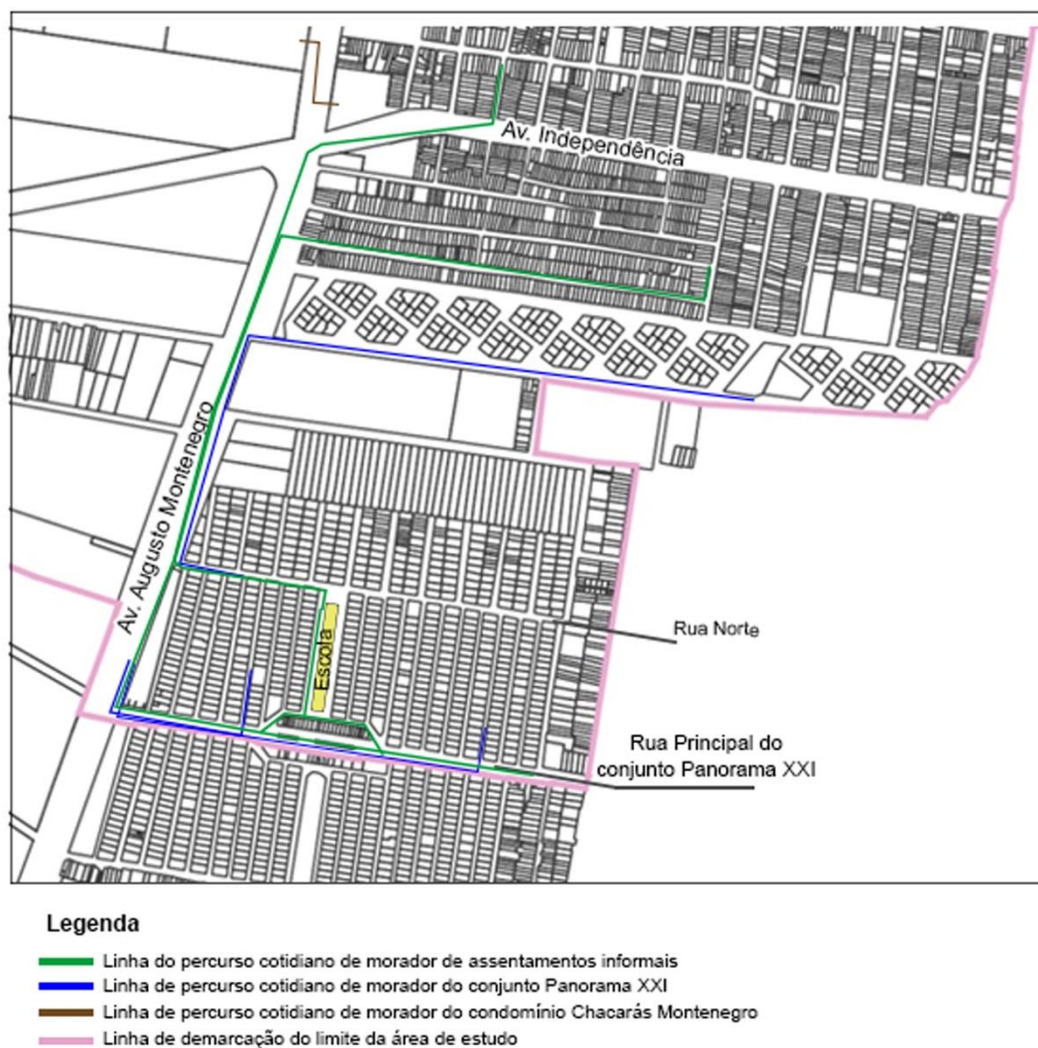


Figura 4.7: Mapa de Percursos Cotidianos, construído a partir do que foi indicado pelos respondentes, destacando a área do Conjunto Panorama XXI.

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

Dentre os entrevistados, 15 pessoas circulam no período matutino na Avenida Augusto Montenegro, sendo que 7 delas percorrem o perímetro ente a Rua do Norte e a Rua Principal do Conjunto Panorama XXI e 8 circulam pelo perímetro compreendido entre a Rua do Norte e a Avenida Centenário / Avenida Independência.

A Figura 4.8 mostra a ausência de condições adequadas de caminhabilidade no trecho compreendido entre a Rua do Norte e a Rua Principal do Conjunto Panorama XXI, justamente em um trecho da Avenida Augusto Montenegro, por onde circula um

número considerável de pedestres em virtude da necessidade de acesso ao ponto de parada de transporte coletivo.



Figura 4.8: Ausência de pavimentação adequada para circulação do pedestre e acesso ao ponto de parada de transporte coletivo.

Fonte: Autora 2015

Dentre os 20 respondentes residentes do Conjunto Panorama XXI, 14 circulam a pé no período matutino, 2 circulam pela Rua do Norte e 12 pela Rua Principal, sendo que 4 destes últimos circulam também pela Avenida Augusto Montenegro até a parada de ônibus. Dos 20 respondentes, moradores dos assentamentos informais, 9 circulam pelo Conjunto Panorama XXI, sendo que 3 percorrem a Rua do Norte e 6 circulam pela Rua Principal.

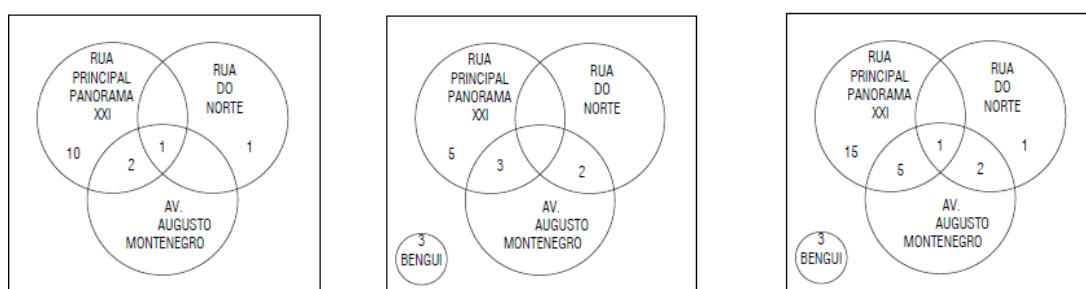


Figura 4.9: Síntese dos locais onde ocorrem contatos interpessoais para respondentes do Conjunto Panorama XXI (esquerda) e Assentamentos informais (centro), resultados totais à direita.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Conforme as informações dos respondentes moradores das diversas tipologias morfológicas pesquisadas na área de estudo, no turno vespertino no período de segunda até sexta-feira, as coincidências de linhas de percursos cotidianos ocorrem da seguinte

maneira: na Rua Principal do Conjunto Panorama XXI circulam, com assiduidade, 3 respondentes moradores de assentamentos informais e 3 residentes do próprio Panorama XXI; na Avenida Augusto Montenegro circulam, regularmente, 2 moradores de assentamentos informais, 2 do conjunto condominial Chácaras Montenegro e 7 moradores do Panorama XXI (Figura 4.9).

Dentre os 19 entrevistados que moram em condomínios fechados, somente 4 são estudantes, sendo que 2 utilizam o carro particular para seu deslocamento e 2 usam serviços de ônibus/van. Todos os estudantes entrevistados que residem em condomínios fechados estudam em instituições de ensino situadas fora da área em estudo.

A análise dos dados, aponta que a parada de ônibus é ponto de convergência de copresença entre pessoas de diferentes tipologias morfológicas, ou seja, de diversas classes sociais. O fato de que 100% das pessoas que fazem percurso a pé, para o local de ensino, estudam em instituições situadas no entorno do local de moradia, pode levar a duas hipóteses de conclusões distintas: seria somente pelo fato delas serem residentes de assentamentos informais, relacionadas à classe social de menor poder aquisitivo, ou elas fazem o percurso a pé em função da proximidade da instituição com o seu local de moradia? Provavelmente parte dos moradores que usam outros meios de locomoção para realizar seus percursos para instituições de ensino, situadas fora da Área de Estudo, os realizariam a pé caso as instituições que eles frequentam estivessem situadas no entorno de suas residências, principalmente os que já fazem seus deslocamentos a pé até a parada de ônibus, que certamente passariam a fazê-lo a pé até a instituição de ensino, aumentando assim o potencial de copresença na área. Mas, por outro lado, poderia reduzir a possibilidade de que a copresença evolua para outro nível de relação social, pois parada de ônibus é local que propicia um diálogo entre pessoas estranhas, uma vez que há perguntas comuns de se observar nestes espaços, como: Que ônibus passa em tal lugar da cidade? A que horas costuma passar tal ônibus?

A análise dos deslocamentos indica que do universo de 59 entrevistados: 19 são estudantes e, dentre eles, 4 moram em condomínios, 3 moram no Panorama XXI e 12 residem em assentamentos informais; 10 destes moradores realizam seus percursos para instituições de ensino situadas dentro da área de estudo, sendo que 7 fazem o percurso a pé, 2 de motocicleta particular e 1 de moto-táxi; já os dois moradores que frequentam ensino fora da área de estudo usam os serviços de ônibus ou van como meio de locomoção. (Figura 4.10).

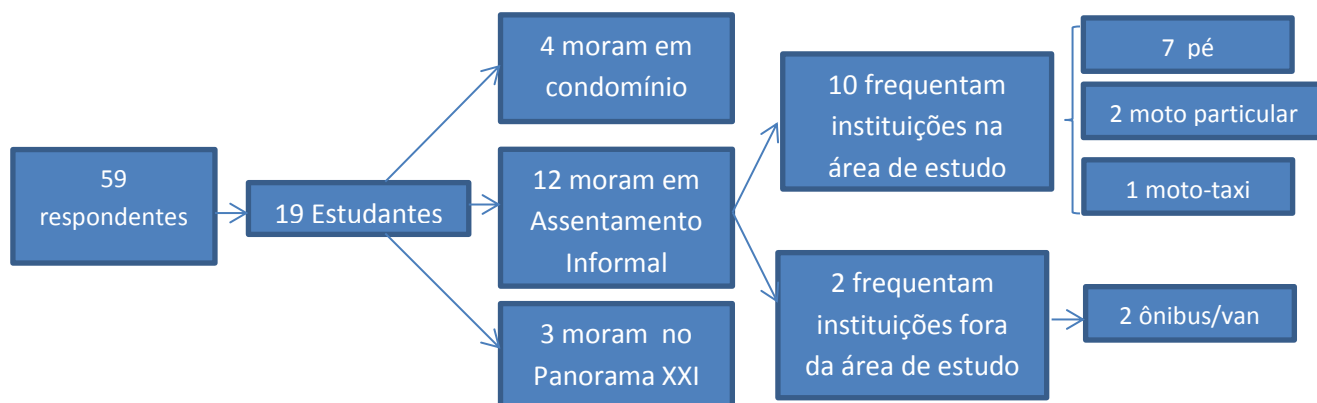


Figura 4.10: Síntese da ocorrência de deslocamentos com objetivo de estudo segundo local de moradia dos respondentes.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Os percursos realizados a pé no deslocamento para instituições de ensino, só ocorrem entre os entrevistados residentes no assentamento informal, e isto provavelmente está relacionado com o fato de que a maioria deles se desloca para instituições situadas dentro da área em estudo. Todos os estudantes entrevistados que residem no Panorama XXI e nos condomínios fechados realizam seus percursos para instituições de ensino situadas fora da área em estudo.

Apesar do fato de que respondentes moradores das diversas tipologias tenham relatado realizar percursos cotidianos no mesmo turno do dia na mesma Avenida, não foi constatada a real probabilidade de ocorrência de copresença entre eles, pois suas linhas de percursos cotidianos não se “cruzam” no mesmo espaço convexo, já que os moradores do Chácara Montenegro, no turno vespertino, circulam pela Avenida Augusto Montenegro, no trecho entre seu condomínio e o Park Shopping, ou apenas atravessam a referida avenida para fazer compras diárias no supermercado situado em frente ao condomínio. Já os moradores de assentamentos informais, fazem seus percursos diários pela Avenida Augusto Montenegro, da esquina da Avenida Independência até o Conjunto Panorama XXI onde está situada uma escola.

Segundo análise de resultados dos questionários e dos mapas de linhas de percursos cotidianos, 6 respondentes percorrem a Avenida Augusto Montenegro durante a noite, sendo 1 morador de assentamento informal e 4 moradores do Chácara Montenegro, deslocando-se a pé apenas para o Park Shopping e para o supermercado.

Semelhante ao que ocorre no turno vespertino, com base na análise das linhas de percursos, pode-se afirmar que não há ocorrência de copresença entre estes respondentes, no mesmo espaço convexo da Avenida Augusto Montenegro.

Quanto à ocorrência de contatos nos finais de semana, 31, respondentes, dentre os 59, circulam a pé no final de semana pela área de estudo, sendo que apenas 8 realizam seus percursos cotidianos no período matutino, e dentre estes, 2 residem em assentamentos informais e 6 no Conjunto Habitacional Panorama XXI. Observa-se a real probabilidade de copresença entre 2 moradores de assentamentos informais, juntamente com 2 moradores do Panorama XXI, pois as quatro linhas de percurso cotidiano dos referidos respondentes, atravessam a Rua Principal do Conjunto Panorama XXI, no mesmo turno do dia e no mesmo período da semana. A mesma situação ocorre entre 2 respondentes moradores do Panorama XXI, na Rua do Norte, e outros 2 moradores do mesmo Conjunto, com percursos comuns na Avenida Augusto Montenegro. No Período Vespertino apenas os moradores do conjunto Panorama XXI disseram circular a pé nos sábados e domingos. Dentre estes, 1 circula na Rua Principal do Conjunto Panorama XXI, 1 circula pela Avenida Augusto Montenegro e 2 percorrem a Rua do Norte, havendo possibilidade de encontros entre eles.

Conforme as informações dos respondentes, 19 realizam percursos a pé na área de estudo nos finais de semana, sendo 6 moradores de assentamentos informais, 1 de condomínio residencial e 12 residentes do Conjunto Panorama XXI. A possibilidade de copresença real entre as linhas de percursos cotidianos, ocorre entre 2 moradores do Assentamento Informal do Benguí na Rua Betânia; entre 3 moradores de assentamentos informais e 5 do Panorama XXI na Rua Principal do Panorama XXI; entre 5 moradores do Conjunto panorama XXI e 1 morador de assentamento informal na Avenida Augusto Montenegro. Existe um morador de Condomínio que circula também na Avenida Augusto Montenegro, porém sua linha de percurso cotidiano não atravessa os mesmos espaços de outros respondentes.

Quanto aos respondentes dos assentamentos informais, foi observado que dois respondentes do Benguí, disseram realizar todas as suas atividades cotidianas, inclusive as compras diárias e semanais, fora da área em estudo. Ambos os respondentes disseram não ter contatos interpessoais (cumprimentar, dialogar ou fazer amizade) na área em estudo, os dois possuem carro particular. Provavelmente o fato se justifica em virtude do veículo usado como meio de transporte, pois o veículo particular, reduz

consideravelmente a oportunidade de contato direto com pedestres que circulam nos espaços públicos do entorno da residência. Somado a isto, há a questão das atividades cotidianas dos respondentes serem realizadas fora do entorno residencial. Esse tipo de comportamento cotidiano, destes dois respondentes do Benguí, assemelha-se mais ao comportamento dos costumes da maioria dos moradores de condomínios fechados.

Os contatos interpessoais que ocorrem em espaços públicos no entorno da Av. Augusto Montenegro, foram considerados nesta pesquisa como parte do nível de análise da vida espacial de residentes. Considerou-se na pesquisa três possibilidades: quando os respondentes se cumprimentam ou se veem, quando dialogam, e quando travam amizade. Sugeriu-se que os contatos interpessoais poderiam ocorrer em cinco espaços: espaços livres na área condominial dos condomínios fechados; espaços livres, de uso coletivo dos assentamentos informais; espaços livres, de uso coletivo do Conjunto Panorama XXI; espaços livres ao longo do espaço das avenidas, bem como os espaços construídos de uso comum (escola, shopping center, supermercado, etc.).

Os 59 respondentes informaram a ocorrência, no período da pesquisa de campo, de 211 contatos interpessoais ao longo dos percursos cotidianos, realizados de segunda-feira até sexta-feira, na área em estudo. A maior incidência (45%) envolve moradores de condomínios, com 96 ocorrências, sendo que 71 delas (34%), foram dentro do próprio condomínio, e 14 em espaços construídos de uso comum, ou seja, apenas 11 ocorreram em espaços públicos em situações de contato pouco interativo, pois nestes casos os respondentes disseram ter apenas visto ou cumprimentado alguém (QUADROS 9 e 10).

QUADRO 9: Número de contatos interpessoais, de segunda-feira a sexta-feira, conforme pesquisa de campo, por local de moradia dos respondentes e local de ocorrência do contato

Local de moradia	PerI. do dia	Contato interpessoal															Total
		Vê ou cumprimenta					Dialoga					Amizade					
		I	II	II I	IV	V	I	II	III	I V	V	I	II	II I	IV	V	
Assentam. informais	Manhã	0	4	3	4	3	0	3	0	1	0	0	3	1	1	3	26
	Tarde	0	2	0	2	2	0	1	0	0	1	0	1	0	0	2	11
	Noite	0	3	0	2	3	0	1	0	1	2	0	0	0	1	3	16
	Total	0	9	3	8	8	0	5	0	2	3	0	4	1	2	8	53 (26%)
Conjunto habitacional	Manhã	0	1	11	2	3	0	0	6	0	1	0	0	4	0	2	30
	Tarde	0	0	5	0	2	0	0	3	0	0	0	0	4	0	1	15
	Noite	0	0	3	1	2	0	0	2	1	1	0	0	2	1	3	16
	Total	0	1	19	3	7	0	0	11	1	2	0	0	10	1	6	61 (29%)
Cond. fechados	Manhã	10	0	0	6	2	8	0	0	3	0	10	0	0	0	1	40
	Tarde	7	0	0	2	2	6	0	0	0	3	6	0	0	0	1	27
	Noite	8	0	0	0	2	8	0	0	0	2	8	0	0	0	1	29
	Total	25	0	0	8	6	22	0	0	3	5	24	0	0	0	3	96 (45%)
TOTAL		25	10	22	19	21	22	5	11	6	10	24	4	11	3	17	210 (100%)

Legenda: I. Espaços livres na área condominial, II. Espaços livres, de uso coletivo, dos assentamentos informais, III. Espaços livres, de uso coletivo, do Conjunto Panorama XXI, IV. Avenidas, V. Espaços construídos de uso comum (escola, shopping center, supermercado, etc.)

Fonte: Pesquisa de campo e aplicação, 2015.

QUADRO 10: Número de contatos interpessoais, sábado e domingo, conforme pesquisa de campo, por local de moradia dos respondentes e local de ocorrência do contato

Local de moradia	Período do dia	Contato interpessoal															Total
		Vê ou cumprimenta					Dialoga					Amizade					
		I	I I	II I	IV	V	I	II	II I	I V	V	I	I I	II I	I V	V	
Assentam. informais	Manhã	0	3	0	0	0	0	12	0	0	0	0	2	0	0	1	18 (8,5%)
	Tarde	0	3	0	1	0	0	8	0	0	1	0	3	0	0	0	16 (7,5%)
	Noite	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	3	8 (4%)
	Total	0	7	0	2	0	0	21	0	1	1	0	5	0	1	4	42 (20%)
Conjunto habitacional	Manhã	0	0	6	5	2	0	0	14	3	1	0	0	2	2	1	36 (17%)
	Tarde	0	0	2	0	1	0	0	8	0	0	0	1	2	0	0	14 (6,5%)
	Noite	0	0	1	2	2	0	0	0	0	3	0	0	1	0	3	12 (5,5%)
	Total	0	0	9	7	5	0	0	22	3	4	0	1	5	2	4	62 (29%)
Cond. fechados	Manhã	9	0	0	0	3	15	0	0	0	2	10	0	0	0	1	40 (19%)
	Tarde	8	0	0	1	2	8	0	0	0	3	8	0	0	0	2	32 (15%)
	Noite	9	0	0	0	3	9	0	0	0	3	9	0	0	0	2	35 (17%)
	Total	26	0	0	1	8	32	0	0	0	8	27	0	0	0	5	107 (51%)
Total		26	7	9	10	13	32	21	22	4	13	27	6	5	3	13	211 (100%)

Legenda: I. Espaços livres na área condominial, II. Espaços livres, de uso coletivo, dos assentamentos informais, III. Espaços livres, de uso coletivo, do Conjunto Panorama XXI, IV. Avenidas, V. Espaços construídos de uso comum (Escola, Shopping Center, Supermercado, etc.)

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Cabe aqui fazer um breve relato sobre características específicas inerentes aos costumes comuns de moradores dos dois condomínios onde residem respondentes: o Condomínio Chácaras Montenegro, formado por edifícios residenciais verticais e o

Condomínio Green Ville, que é horizontal. O condomínio horizontal Green Ville foi o primeiro condomínio de classe alta construído em Belém e existem muitos moradores que permanecem neste endereço há bastante tempo, o que, somado à existência de espaços de convivência de uso comum das áreas condominiais, concorre para a alta incidência de amizade entre os moradores. Por ocasião da aplicação do questionário, foi relatado por um respondente, que costumam ocorrer eventos sociais no Salão de Festas do condomínio com apresentação de cantores brasileiros renomados, conhecidos internacionalmente, e que isso contribui para a interação social entre os condôminos, bem como a interação propiciada pela existência de equipamentos esportivos. A maioria das interações entre os respondentes do Green Ville, ocorre nos dias de semana, pois ao final de semana, grande parte dos respondentes desse condomínio costuma sair de Belém, seguindo rumo a suas casas de praia, sítios ou fazendas situadas em outros municípios.

O conjunto condominial vertical Chácaras Montenegro, destinado à classe média, é constituído por três condomínios com várias torres cada, teve sua obra concluída em 2014. Todos os respondentes do Condomínio Chácaras Ipê, componente do Condomínio Chácaras Montenegro disseram cumprimentar os demais moradores, mas apenas um, dentre os oito respondentes, disse ter feito amizade com outro condômino. O Condomínio Chácaras Ipê está localizado ao lado do Park Shopping e tem um portão de acesso direto ao mesmo. Muitos moradores deste condomínio realizam suas atividades de lazer também no shopping center sem precisar circular por vias públicas, impossibilitando a ocorrência de encontro casual, em espaços públicos, com moradores de demais unidades morfológicas tratadas neste estudo de caso e restringindo a probabilidade de se relacionar também com demais condôminos, pois a opção pelo lazer no Park Shopping, com frequência influenciada pela facilidade de acesso, implica na redução da possibilidade de interação com demais moradores, nas áreas de lazer condominial, porém aumenta a probabilidade de interação com moradores das demais unidades morfológicas, no interior do shopping center. Apenas dois respondentes residem no Condomínio Chácaras Jatobá, e ambos disseram ir a pé ao Park Shopping, situado aproximadamente a 250 metros da entrada do condomínio, e ao supermercado situado em frente ao Chácaras Jatobá. O único respondente residente do Condomínio Chácaras Cedro, disse ir a pé ao Park Shopping por dentro

do Condomínio Chácaras Ipê, pois tem um amigo que reside no Ipê, e este lhe cedeu um cartão magnético para abrir o portão de acesso ao shopping center.

Os moradores do conjunto condominial Chácaras Montenegro disseram fazer percurso cotidiano, nos períodos matutino e vespertino, de carro particular pelas vias públicas do assentamento informal do Benguí, porém não foi registrada nenhuma ocorrência de contato interpessoal, envolvendo os moradores dos condomínios, nos espaços públicos de nenhum assentamento informal e nem do Conjunto Panorama XXI. A recíproca é verdadeira, pois também os respondentes, moradores de assentamentos informais e do Conjunto Habitacional Panorama XXI, não vivenciaram contatos interpessoais nas áreas comuns dos condomínios fechados, até mesmo pelo fato deles não terem permissão de acesso às áreas condominiais.

A maior incidência de contatos interpessoais foi constatada entre os respondentes residentes dos assentamentos informais do bairro da Cabanagem e do bairro Parque Verde ocorre nas áreas públicas do Conjunto Panorama XXI (Figura 4.11), com copresença envolvendo também os próprios moradores do referido conjunto. Alguns moradores, dos dois assentamentos informais citados, estudam na escola situada no Conjunto Panorama XXI e a interação interpessoal na área, aparenta ser potencializada pela diversidade de uso das edificações, e pela diversidade de ramo comercial concentrado ao longo da via principal. Nos assentamentos informais, durante a semana, ocorreram 18 relações interpessoais envolvendo respondentes moradores de assentamento, sendo que dentre elas 4 são de amizade, 9 de cumprimento e 5 de diálogo. Os moradores de assentamentos informais vivenciaram 12 contatos interpessoais nos espaços públicos das Avenidas, sendo 2 de amizade, além de 4 contatos nas áreas públicas do Conjunto Panorama XXI, sendo apenas 1 de amizade.



Figura 4.11: Rua Principal do Conjunto Panorama XXI demonstra a grande incidência de contatos interpessoais incentivados pela diversidade de uso e comércio local. *Fonte: Autora 2015*

A figura 4.12 a seguir apresenta a síntese do número de contatos interpessoais ocorridos em espaços públicos conforme os respondentes moradores de cada local e o espaço onde ocorreram os contatos interpessoais. A totalização das ocorrências em espaços públicos aparece em destaque no quadrado a direita ao lado dos grupos de ocorrência da natureza dos contatos, conforme demonstrado nos QUADROS 9 e 10.

ASSENTAMENTOS INFORMAIS 53	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 20 DIALOGA 07 AMIZADE 07	34 (64%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 08 DIALOGA 03 AMIZADE 8	19 (36%)
	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 23 DIALOGA 12 AMIZADE 11	46 (75,4%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 07 DIALOGA 02 AMIZADE 06	15 (24,6%)
CONJUNTO PANORAMA XXI 61	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 08 DIALOGA 03 AMIZADE 0	11 (11,4%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 31 DIALOGA 27 AMIZADE 27	85 (88,6%)
	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 08 DIALOGA 03 AMIZADE 0	11 (11,4%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 31 DIALOGA 27 AMIZADE 27	85 (88,6%)
CONDOMÍNIOS FECHADOS 96	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 08 DIALOGA 03 AMIZADE 0	11 (11,4%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 31 DIALOGA 27 AMIZADE 27	85 (88,6%)
	ESPAÇOS PÚBLICOS	CUMPRIMENTA 08 DIALOGA 03 AMIZADE 0	11 (11,4%)
	ESPAÇOS PRIVADOS	CUMPRIMENTA 31 DIALOGA 27 AMIZADE 27	85 (88,6%)

Figura 4.12: Síntese do número de contatos interpessoais dos respondentes por local de moradia, destaque a direita para os valores de contatos interpessoais nos espaços públicos

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Observa-se que a maioria de ocorrência de contatos interpessoais (96), é realizada por moradores de condomínios fechados, porém apenas 11% deles acontecem em espaços públicos, e dentre estes não houve ocorrência de amizade, pois a maioria de amizade relatada por respondentes dos condomínios (27), ocorre em espaços privados, muitos na própria área condominial. No Conjunto Panorama XXI ocorreram 61 contatos interpessoais, sendo que 75% deles aconteceram em espaços públicos, dentre os quais 11 relações interpessoais foram de amizade. Os respondentes dos assentamentos informais informaram a ocorrência de 53 contatos interpessoais realizados por eles, sendo que 64% destes ocorreram em espaços públicos, e destes, 7 foram de amizade.

4.4. Análise dos atributos espaciais

A configuração urbana dos espaços públicos da área de estudo é constituída de variedade de unidades morfológicas. Para efeito de análise de copresença, tomando como princípio os locais sugeridos para ocorrência de contatos interpessoais (inicialmente divididas em cinco espaços conforme pode ser observado nos QUADROS 9 e 10), a porção do entorno da Av. Augusto Montenegro em estudo foi subdividida em três unidades morfológicas (Figura 4.13), a saber:

- a) as referidas unidades são: espaços públicos dos bairros do Benguí, Parque Verde e do bairro da Cabanagem, referido anteriormente como assentamentos informais. O primeiro, situado à esquerda da Avenida Augusto Montenegro e os demais no lado oposto da avenida (representados na Figura 4.13 na cor verde);
- b) espaços públicos do conjunto habitacional Panorama XXI (eixo vertical na cor laranja), Assentamento do Parque Verde (representados na Figura 4.13 na cor azul); e
- c) os espaços públicos ao longo das avenidas Augusto Montenegro e Avenida Independência / Avenida Centenário (representados na Figura 4.13 na cor laranja).

Diferente do que foi considerado nas entrevistas dos moradores dos Condomínios fechados, não foram considerados os espaços de uso comum localizados no interior dos mesmos. Justifica-se a natureza dos contatos interpessoais restritos a moradores e convidados, sem a possibilidade de ocorrência de contatos provocados pela morfologia da área de estudo. Mesmo que tenham sido registrados contatos

interpessoais por moradores respondentes destas áreas conforme analisado anteriormente.

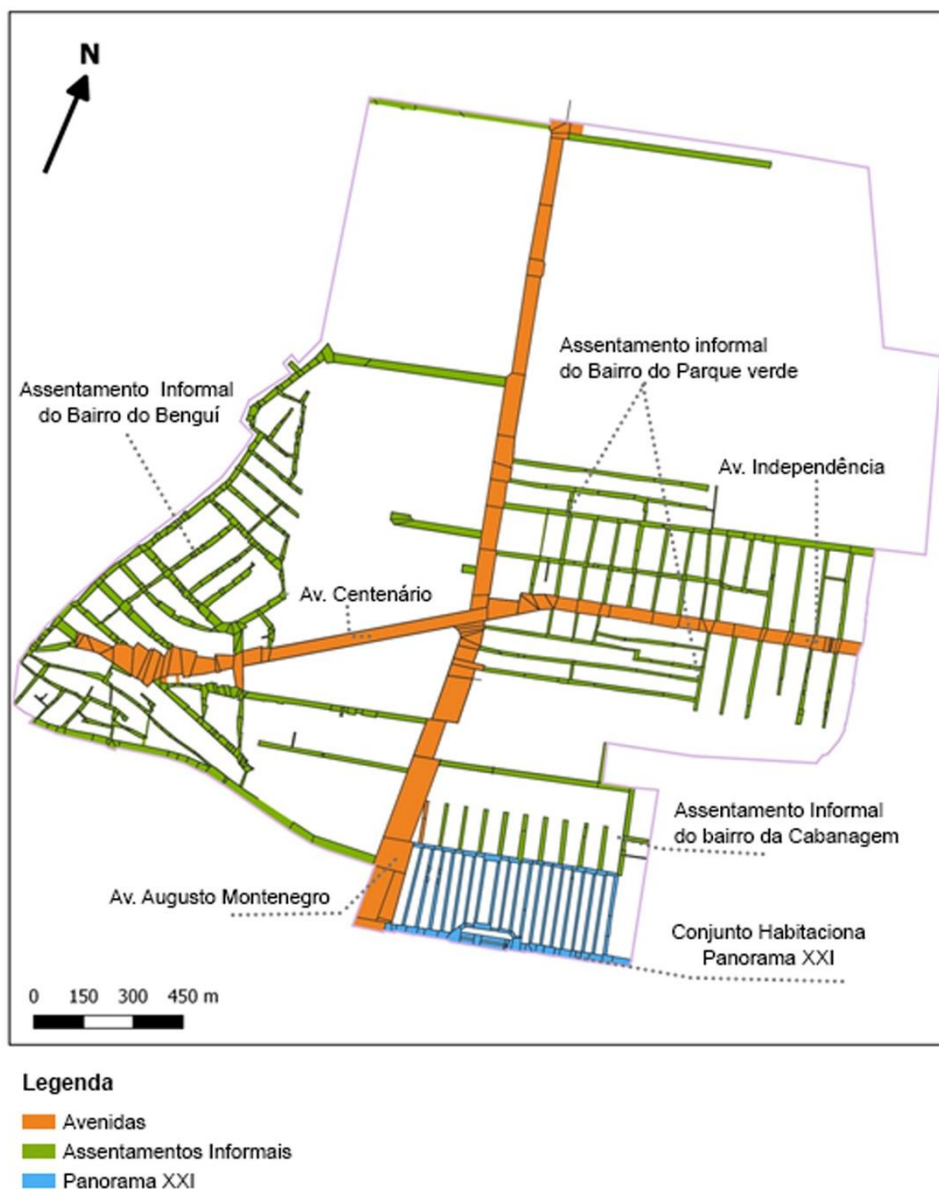


Figura 4.13: Espaços públicos considerados na análise dos atributos do espaço na Área de Estudo

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

A configuração do assentamento do Benguí é constituída de traçado orgânico e labiríntico, com a maioria das vias comportando duas faixas de rolamento e casas definindo a delimitação da rua, que no caso é desalinhada em boa parte da área, gerando assim uma variedade de espaços convexos com áreas pequenas, sendo em

média 45% delas em formato trapezoidal. Observa-se a concentração de uso comercial ao longo da Rua Betânia, por onde circulam as linhas de ônibus.



Figura 4.14: Mapa com espaços convexos do Benguí (esquerda) e foto da Rua Betânia

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.



Figura 4.15: Fotos de vias locais do Benguí

Fonte: fotos da autora, 2015.

Os outros assentamentos informais existentes na área em estudo têm traçado regular, com algumas vias sem conexão com o restante da malha urbana, com característica de beco sem saída. Em geral as vias têm duas faixas de rolamento com a maioria das casas alinhadas, definindo espaços convexos retangulares. Existe uma via com característica peculiar, só tem portas ao lado esquerdo, pois está situada na lateral

de um condomínio fechado, o Montenegro Boulevard, sendo este, situado próximo ao Green Ville e em frente ao Park Shopping.



Figura 4.16: Mapa com espaços convexos do Assentamento informal do Bairro Parque Verde e foto da Rua ao lado do Condomínio Montenegro Boulevard.

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.



Figura 4.17: Fotos dos assentamentos informais do Bairro Parque Verde

Fonte: fotos da autora, 2015.

A configuração observada no Conjunto Panorama XXI é constituída de traçado regular, com casas respeitando o alinhamento da via, sendo que neste caso específico, de um modo geral, cada perímetro de via constitui um espaço convexo em forma de retângulo estreito e comprido, com exceção da Rua Principal do conjunto, a qual possui quatro faixas de rolamento com canteiro central no qual foi instalada uma feira ao ar livre.



Figura 4.18: Mapa com espaços convexos do Conjunto Panorama XXI e foto de uma de suas alamedas

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.



Figura 4.19: Foto da rua principal do Conjunto Panorama XXI.

Fonte: fotos da autora, 2015.

A unidade morfológica das avenidas, é caracterizada por ter uma configuração de paisagem de objetos, em virtude das vias serem proporcionalmente, em média, cinco vezes mais largas do que as vias locais do conjunto, isto considerando o leito carroçável, somado à largura das calçadas e ao canteiro central. Em virtude desta configuração, os espaços convexos das avenidas possuem áreas bem maiores se comparadas às outras unidades morfológicas citadas aqui, sendo seus espaços convexos em forma de retângulos largos, mesclados com alguns trapézios, em virtude da existência de trechos das avenidas, em que as edificações avançam o alimento determinado pela prefeitura.



Figura 4.20: Mapa com espaços convexos definidos pelas Avenidas Augusto Montenegro e Centenário, e foto da confluência das duas avenidas com destaque para o supermercado ali localizado

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.



Figura 4.21: Foto dos espaços públicos da Av. Augusto Montenegro na altura da confluência com a Av. Centenário

Fonte: foto da autora, 2015.

A análise dos atributos da forma urbana a partir da convexidade dos espaços, considera que morfologias urbanas com alta densidade construtiva, característica comum de centros urbanos, geram potencial para grande número de pessoas circulando por espaços públicos; morfologia com baixa densidade construtiva, como ocorre no Plano Piloto em Brasília, onde o percentual de área pública é bem maior que a privada, gera baixo grau de copresença de pessoas nos espaços públicos.

A área de Expansão de Belém tem características morfológicas distintas dos dois exemplos citados, já que parte da área tem configuração morfológica semelhante à área tradicional de centros urbanos, na relação espaços público/privado observada no mapa de ilhas espaciais (Figura 4.22), como o caso dos assentamentos informais e do

Panorama XXI, bem como a presença de condomínios fechados que criam enclaves para acessibilidade.

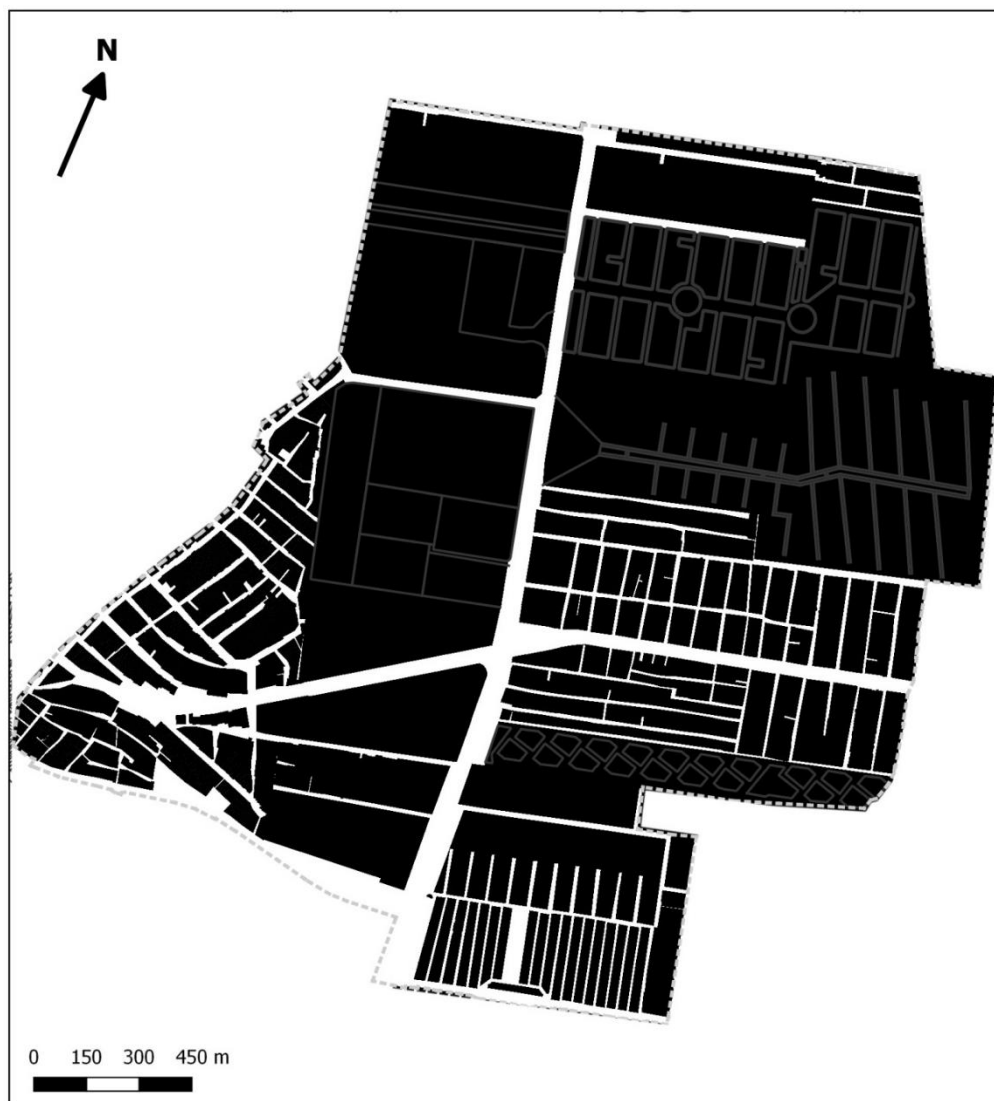


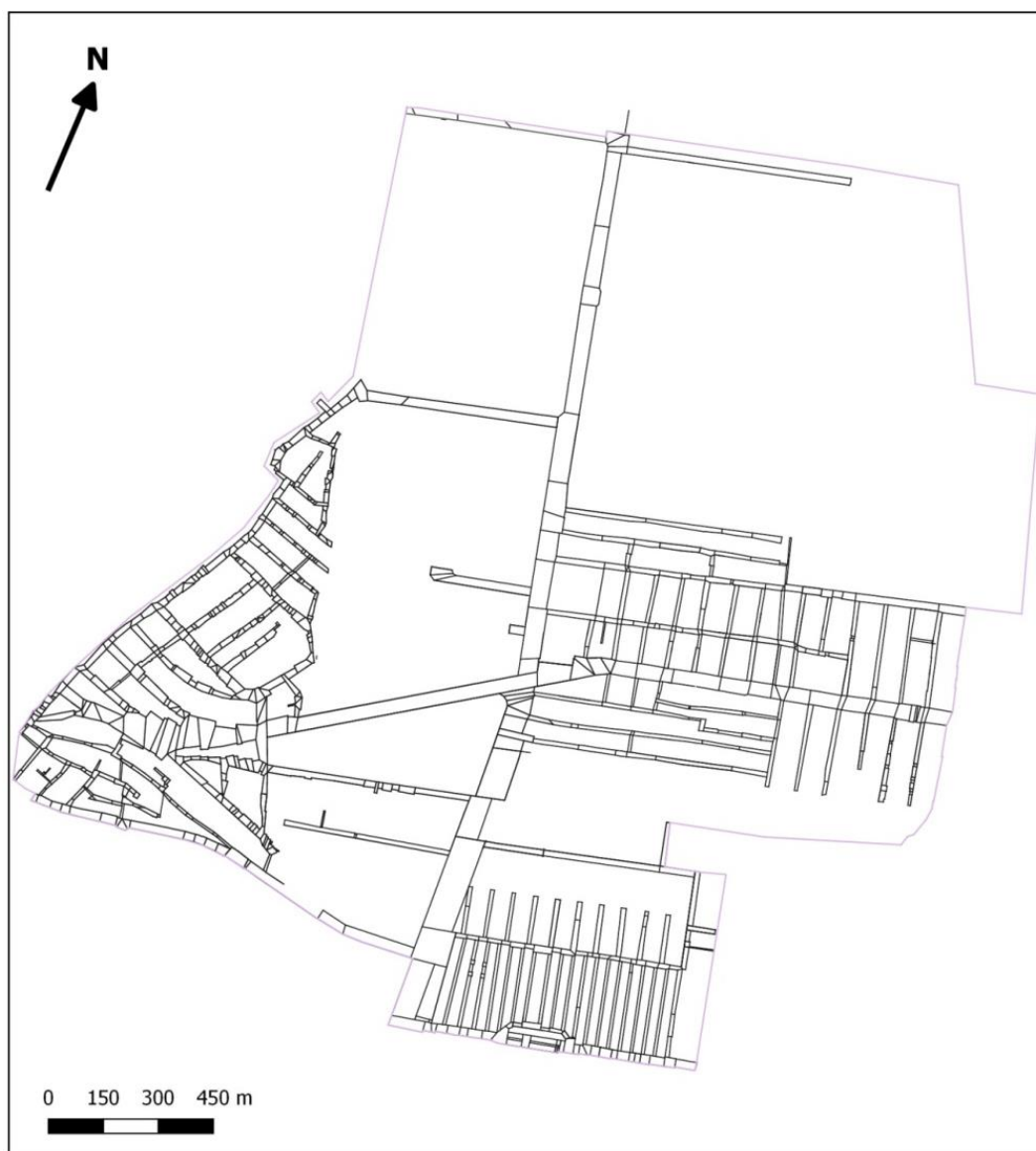
Figura 4.22: Mapa de Ilhas Espaciais na Área de Estudo, condomínios fechados considerados como uma só ilha espacial.

Fonte: adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

Aproximadamente 35% da área de estudo é ocupada por condomínios fechados, sendo que as ruas e espaços abertos da área dos condomínios Green Ville, Chácaras Montenegro e demais condomínios, não foram incluídos como espaços convexos por não serem áreas públicas.

Existem muitos terrenos lindeiros às Avenidas que são áreas privadas (algumas de uso comum), porém não densamente ocupadas. Muitos desses lotes abrigam empresas, instituições públicas, e em geral possuem área média de 2.000 m .

Diante das especificidades da configuração urbana da área em estudo e das observações em campo, pode-se considerar que apesar do resultado indicar que a área possui característica de robustez, ela aparenta ter configuração de ambivalência, conforme foi constatado no próximo atributo a ser relatado.



**Figura 4.23: Mapa de Espaços Convexos na área de estudo
considerando os espaços públicos das subáreas**

*Fonte: adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM,
atualizado com imagens do Google Earth, 2015.*



Figura 4.24: Mapa de espaços convexos por unidade morfológica na área de estudo

Fonte: adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015.

A largura das vias locais, condiciona os espaços públicos dos bairros com assentamentos informais e conjunto habitacional. Na totalidade da área de estudo estes se mostram bastante reduzidos, quando comparados com o espaço público condicionado pela média da largura das Avenidas, onde a largura do perfil médio das avenidas, é aproximadamente cinco vezes maior do que a média do perfil das vias locais, tanto dos assentamentos informais quanto do Panorama XXI.

Mesmo que os contatos interpessoais ocorram em calçadas e espaços destinados aos pedestres, onde existem calçadas, estas são bastante superiores em largura, quando comparadas com as calçadas existentes nas vias dos bairros e do

conjunto habitacional, ou de paradas de ônibus e áreas de estacionamento e acesso a usos, como supermercado, e até mesmo os espaços de acesso aos condomínios.

O fato das avenidas serem mais largas, com mais faixas de rolamento de veículos, e passeio público com largura média de 5 metros em cada lado, constituem espaços convexos maiores e induzem à um padrão de copresença mais diluído, mais disperso, enquanto que a configuração das demais unidades morfológicas, propicia a espacialização da copresença de maneira mais concentrada, potencializando a oportunidade de percepção mútua entre os indivíduos presentes no mesmo espaço convexo.

Contudo, foi observado em visitas em campo, que existem certos espaços nas avenidas, como os pontos de parada de ônibus e área de concentração de pequenos comércios, em que a espacialização ocorre de maneira concentrada (Figura 4.25).



Figura 4.25: Pequenos comércios localizados ao longo da Av. Augusto Montenegro

Fonte: foto da autora 2015

A análise do número de portas por unidade de espaço convexo também foi analisada na área de estudo. A figura 4.26 a seguir, mostra o mapa de espaços convexos com o registro das portas levantadas em campo.



Figura 4.26: Mapa com os espaços convexos das subáreas onde ocorrem contatos interpessoais: áreas de assentamento informais (verde), conjuntos habitacionais (azul), e avenidas (laranja) com a marcação de portas.

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.

A conjugação das análises realizadas a partir dos mapas de espaços convexos e o número de portas, é feita no QUADRO 11. Nela estão presentes os atributos oriundos da sintaxe espacial e servem para mostrar a potencialidade de ocorrer copresença na área de estudo.

QUADRO 11: Atributos de copresença segundo análise do Mapa de Convexidade, por unidade morfológica onde ocorreram contatos interpessoais.

Unidade morfológica (local de ocorrência de contatos interpessoais)	ATRIBUTO MORFOLÓGICO				
	Percentual de área de espaço convexo por Área Total (%)	Área de espaço convexo médio (m)	Média da área de espaço convexo por quantidade de constituições x (porta)	Média de constituições x (portas) por espaço convexo	Percentual de área de constituição nula (% de espaço convexo sem porta)
Panorama XXI	23,20 (RB)	363,84 (RB)	57,97 (RB)	11,09 (RB)	1,13 (RB)
Assentamentos Informais	9,83 (RB)	431,91 (RB)	57,54 (RB)	8,61 (RB)	1,31 (RB)
Avenidas	35,80 (RB)	2.032,82 (RT)	310,68 (AB)	7,57 (RB)	3,54 (RB)
Total da área de estudo	n/a	544,15 (AB)	85,28 (RB)	8,80 (RB)	5,98 (RB)

LEGENDA: RT: Restrição (Código morfológico Transpacial e menor copresença); AB: Ambivalência e RB: Robustez (Código morfológico espacial e maior copresença).

Obs. Conceitos adaptados de HOLANDA e GOBBI, 1988.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

O percentual de área de espaço convexo por área total foi calculado separadamente. Como dito, desconsiderou-se o espaço murado dos condomínios fechados, uma vez que apenas seus acessos podem ser incluídos na análise da unidade morfológica Avenidas. Os valores obtidos nas três unidades morfológicas indicam robustez conforme os parâmetros de HOLANDA e GOBBI (1988). Os três resultados indicam um percentual de área de espaço convexo menor que 40% da área total de cada unidade, no Conjunto Panorama XXI alcançou 23,20%, nas Avenidas 35,80% da área total enquanto nos assentamentos informais ficou em 9,83%. Os valores mais próximos de 40% indicam estão associados relação entre espaços abertos e espaços fechados. A quantidade de espaços convexos medidos nas unidades morfológicas são indicadores da capacidade de gerar copresença pela presença de espaços fechados. Na área em estudo, apesar dos valores serem considerados de robustez, as avenidas, pela conformação de espaços convexos ao longo dos condomínios indica a influência dos mesmos. O que não é observado nos assentamentos informais. Já no conjunto habitacional, há certo equilíbrio na comparação entre os espaços fechados e abertos.

Os resultados da mensuração dos atributos morfológicos obtidos nesta pesquisa foram posteriormente comparados com observação em campo, nota-se que o atributo que melhor demonstra o grau de copresença nos espaços públicos da área de estudo, é a Área de Espaço Convexo Médio. Os resultados do atributo Área de Espaço Convexo

Médio apontam que a área de estudo como um todo, possui características de ambivalência conforme o valor calculado (544,15 m). Contudo observa-se que a ambivalência se aproxima do código morfológico de restrição, considerando o intervalo de mensuração (501m^2 - 1.500m^2), com base no parâmetro de 500m.

Certamente este resultado de ambivalência da área de estudo com tendência à restrição, recebe influência da forte restrição detectada no resultado da unidade morfológica das Avenidas ($2.032,83\text{m}^2$), amenizada pela característica de robustez presente nos Assentamentos Informais ($431,91\text{m}^2$), e Conjunto Panorama XXI ($361,84\text{m}^2$). O atributo indica que a morfologia dos Assentamentos Informais e o Panorama XXI são em média cinco vezes mais robustos que a unidade morfológica das Avenidas, pois o resultado da média aritmética dos valores dos atributos das tipologias morfológicas de assentamentos informais e Conjunto Panorama XXI é de $397,88\text{m}^2$ equivalente à quase 1/5 do resultado da unidade morfológica referente às Avenidas, que é de $2.032,83\text{m}^2$.

O resultado do percentual de espaço convexo sem porta indica que todas as unidades morfológicas apresentam característica de robustez, porém em visitas na área em estudo foi observada a existência de vários espaços convexos com grandes áreas e poucas portas, como os muros extensos que contornam os condomínios fechados, as empresas e instituições estabelecidas ao longo da Avenida Augusto Montenegro.

Os resultados mostram que na área de expansão de Belém tem características morfológicas que mescla a configuração morfológica semelhante à área tradicional de centros urbanos, na relação espaços público/privado, observada no mapa de ilhas espaciais (Figura 4.22), como o caso dos assentamentos informais e do Panorama XXI, sendo que ao longo das avenidas principais possui configuração de dispersão urbana, em virtude da largura das avenidas e do dimensionamento dos lotes adjacentes às mesmas.

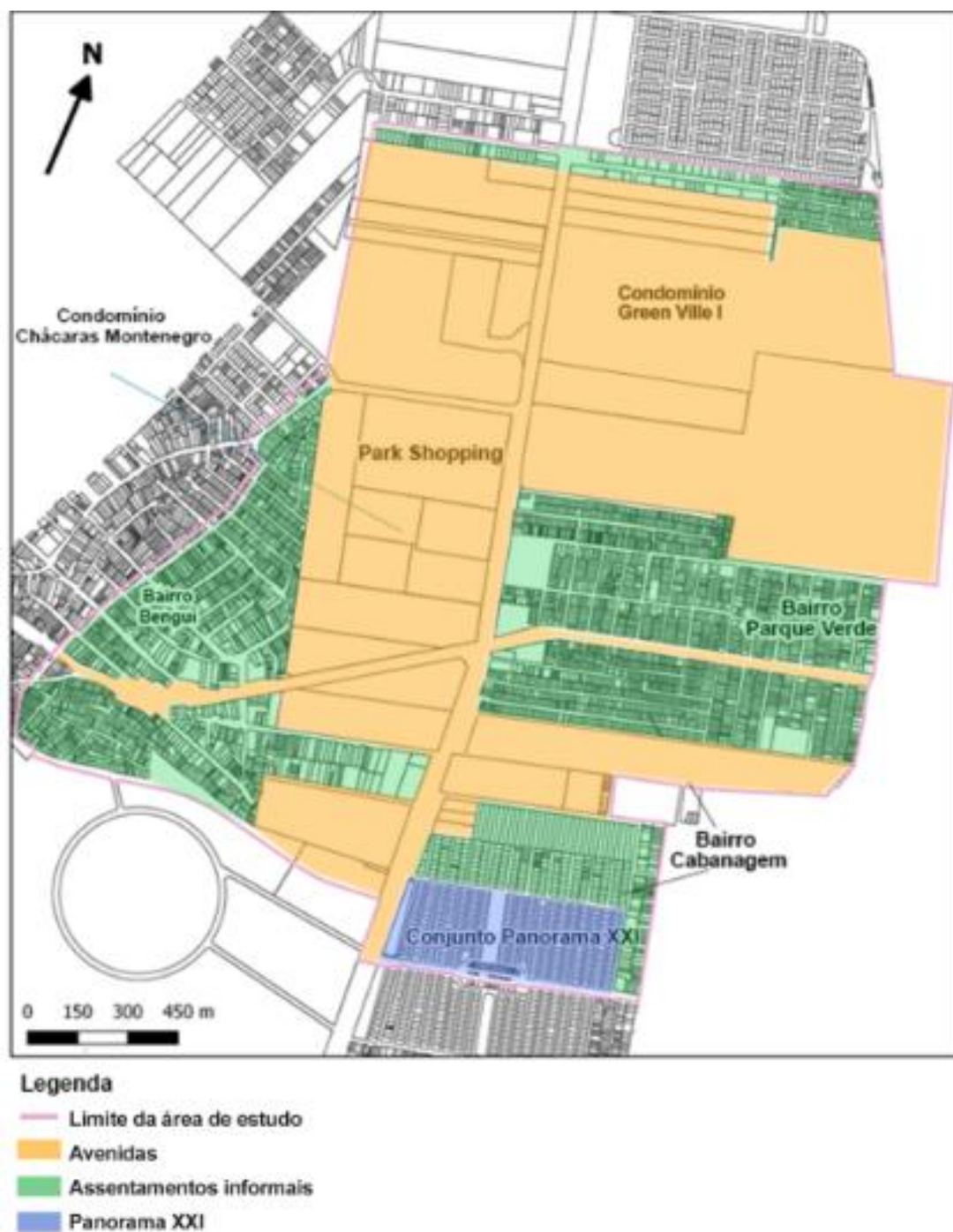


Figura 4.27: Mapa com os espaços convexos com percentual de área de constituição nula (% de espaço convexo sem porta).

Fonte: Mapa adaptado do Cadastro Técnico Multifinalitário da CODEM, atualizado com imagens do Google Earth, 2015 e foto da autora, 2015.

A Figura 4.27 define a área total de cada unidade morfológica, servindo de base, juntamente com a figura 4.24, para ilustrar graficamente o cálculo do primeiro

atributo analítico constante no QUADRO 11, ou seja, o percentual de espaço convexo por área total.

As visitas em campo, realizadas no Bairro do Benguí, constataam a intensa copresença na Rua Betânia, por ser a via principal do comércio. Nas demais vias do bairro a copresença é menor do que na Rua Betânia, mas ela é presente na maioria das vias locais. Já no Conjunto Panorama XXI, ela é bastante intensa na Rua Principal, onde há concentração de comércio, e com pouca intensidade nas vias locais do conjunto. As vias locais dos assentamentos informais dos bairros da Cabanagem e do Parque Verde, apresentam a intensidade de copresença semelhante a observada nas vias locais do Panorama XXI.

Acredita-se que a diversidade de uso de edificações presentes no Bairro do Benguí, seja responsável pela potencialização da copresença no referido bairro. Certamente a mistura de usos de edificação por todo o bairro é um atrativo forte, que somado à robustez observada na análise morfológica da área, aparenta ser um local dotado de urbanidade, a qual não é mais intensa por ausência de conectividade de sua malha, com o restante da área em estudo, e por baixo grau de orientabilidade de novos visitantes ocasionais, dificultando a interação social entre o habitante do lugar e o “forasteiro”.

A área em estudo como um todo, em relação ao atributo percentual de área de constituição nula (Figura 4.27), possui características morfológicas de robustez (9), pela existência de poucos espaços convexos sem porta alguma, conforme as áreas destacadas na Figura 4.27, com as cores vermelho (avenidas), verde (assentamentos informais) e azul (Panorama XXI).

O intervalo de mensuração que classifica a característica morfológica deste atributo analítico, considera o resultado quantitativo com valor menor que 20 (<20), como sendo indicador de intensa copresença. Portanto quanto menor for o valor calculado, significa que a área apresenta maior intensidade de códigos morfológicos de robustez.

A análise em relação às unidades morfológicas, indica que a morfologia de todas as unidades é robusta, sendo que no Panorama XXI a robustez se apresenta com maior intensidade (3) do que na área das avenidas (5). Já os assentamentos informais, são as áreas onde os códigos morfológicos de robustez se apresentam com maior intensidade ainda, considerando a comparação entre todas as unidades morfológicas.

Nota-se que nos assentamentos informais da Cabanagem e do Parque Verde, não existe espaço convexo sem porta.

4.5 Conclusão do Capítulo

A análise conduzida na área de estudo, sobre a ocorrência de contatos interpessoais casuais, independentes do perfil socioeconômico, sugere que ocorrem em áreas de uso comum, no entorno da residência. Para os moradores de condomínios, o entorno abrange uma área habitada exclusivamente por outros condôminos, restringindo assim a possibilidade de encontro casual com pessoas sem permissividade de acesso à área comum privada. Já em se tratando de moradores de assentamentos informais e do Conjunto Panorama XXI, ambos realizam a maioria de seus contatos interpessoais em espaços públicos de uso coletivo, pois costumam fazer a maioria de seus percursos cotidianos a pé.

A configuração urbana dos assentamentos informais do Parque Verde e do Bairro Cabanagem, assemelha-se mais à morfologia do Panorama XXI do que à do assentamento informal do Benguí, no que diz respeito ao sistema viário, configurando espaços convexos retangulares. Já no caso do Benguí, a malha viária é orgânica e labiríntica, dificultando a orientabilidade do pedestre.

O Conjunto Panorama XXI e o assentamento informal do Benguí, são espaços autossuficientes em relação à diversidade de usos. Ambos possuem feira livre, comércios de pequeno e médio porte, templos religiosos, equipamentos urbanos, como um posto de saúde no Benguí e uma escola pública no Panorama XXI.

Os assentamentos do Parque Verde e Cabanagem, utilizam a infraestrutura logística e diversidade de serviços existentes no conjunto Panorama XXI, provavelmente pela semelhança de perfil socioeconômico, por afinidade de costumes, e pela conectividade da malha viária, que apesar de não ser tão integrada, tem opções de conectividade mais favoráveis do que o assentamento informal do Benguí.

Não foi observada na área de estudo número significativo de ocorrência de contatos interpessoais entre pessoas com distintos padrões socioeconômicos. Esta ausência de interação social entre diferentes atores, aparentemente está mais relacionada à morfologia dos espaços convexos públicos com suas conexões, sejam estas as portas

de acesso às edificações ou as opções de percursos em virtude da malha viária, do que em função da tipologia morfológica da moradia do respondente.

Comparando a análise da vida social, referente aos locais de realização das atividades cotidianas, dentro ou fora da área de estudo, alguns moradores do assentamento informal do Benguí, apresentam ter um comportamento semelhante à maioria dos moradores do Green Ville, pois ambos realizam atividades fora da área de estudo.

O assentamento do Benguí, possui característica morfológica que o torna uma espécie de ilha, não a ilha definida por barreira morfológica, como os muros e gradis de condomínios fechados, mas uma redoma virtual, em virtude da configuração labiríntica de sua malha viária, com dificuldade de acesso devido à ausência de orientabilidade.

Ambas as ilhas têm como forma de conexão com o restante da área, grandes espaços convexos, constituídos de extensos muros cegos, com poucas portas, ou seja, sem estímulos à realização de atividades cotidianas no entorno de suas comunidades ilhadas.

O conjunto de condomínios verticais Chácaras Montenegro, é um bom exemplo de que, moradores de tipologia de moradia semelhante e com padrão sociocultural igual, possui linhas de percursos cotidianos distintos, e consequentemente, de possibilidade de ocorrência de relação interpessoal, em virtude da configuração morfológica do espaço convexo contíguo ao seu acesso, pois no caso do Chácaras Ipê, o morador não faz percurso por espaço público para ir ao Park Shopping, já o morador do Chácaras Jatobá vai a pé tanto ao shopping como ao supermercado.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs a investigar características com potencial incentivador de copresença, na morfologia da área de expansão de Belém. Partiu da hipótese de que a dispersão da morfologia urbana, observada nessa área de expansão, interfere na mudança de comportamento cotidiano e aparenta inibir a interação socioespacial, por reduzir a possibilidade de encontros casuais que costumam ocorrer com mais frequência em bairros tradicionais. Ou seja, que na área objeto de estudo, há limitações no grau de urbanidade comum a morfologias dos centros urbanos de capitais brasileiras, em virtude de apresentar padrões morfológicos de dispersão urbana, que tendem a inibir a interação social, entre atores com perfis socioeconômicos distintos.

Para alcançar o objetivo geral da pesquisa, de investigar a promoção de padrões de socialização de moradores, e de viabilidade de atividades cotidianas para o pedestre, nos espaços públicos de uso coletivo, na morfologia urbana da área de expansão de Belém, esta dissertação reuniu os resultados da aplicação de métodos de pesquisa que buscaram:

- a) caracterizar os grupos sociais residentes em tipologias existentes no entorno da Av. Augusto Montenegro;
- b) relacionar os grupos sociais à acessibilidade existente na área de expansão de Belém, por meio da investigação de percursos cotidianos e respectivos contatos interpessoais, caso existissem, e suas intensidades; e por fim,
- c) investigar os fatores morfológicos presentes nos locais onde ocorrem contatos interpessoais.

A dissertação utilizou como referência teórica para a análise, autores que seguem linha de pesquisa de desenho urbano, e para embasar a abordagem a respeito dos comportamentos sociais, autores como os sociólogos GIDDENS e GOFFMAN.

A metodologia usada para investigar o problema de pesquisa teve três níveis de abordagem, sendo o primeiro a análise da vida social; o segundo tratou da análise da copresença com base em atributos de convexidade dos estudos de Sintaxe Espacial (HOLANDA e GOBBI, 1988); e o terceiro tratou das linhas de percursos cotidianos inspirados em estudos de NETTO (2014).

Diante deste contexto, foram apresentados os resultados obtidos com a pesquisa realizada com moradores de bairros tradicionais, conjuntos habitacionais e

condomínios fechados, enquanto a investigação da ocorrência de copresença, focou os espaços públicos de um modo geral, incluindo o entorno dos próprios locais de moradia, em assentamentos informais e conjuntos habitacionais, especificamente no espaço público definido pelas principais avenidas, e excetuando o espaço interno dos condomínios.

A análise da vida social demonstrou que o comportamento cotidiano de moradores dos assentamentos informais dos Bairros da Cabanagem e do Parque Verde, tem características semelhantes ao dos residentes do Panorama XXI, já que ambos realizam a maioria de seus percursos diários a pé, possuem mesma faixa de renda e escolaridade, e todos costumam realizar a maioria das atividades cotidianas na área em estudo. Deste modo, caso o trabalho tratasse somente da análise da vida social, chegaria à conclusão de que a interação social observada entre os moradores das áreas citadas seria exclusivamente em virtude da semelhança de padrão socioeconômico.

O resultado da análise morfológica dos atributos de convexidade, indica que as duas unidades morfológicas citadas acima, são dotadas de robustez, em razão da semelhança morfológica, e da proporção do número de portas por espaço convexo.

Já a análise das linhas de percursos cotidianos, indica que o cruzamento de percurso entre os usuários das distintas unidades morfológicas, por si só, é responsável pela explicação da existência de quantidade de contatos interpessoais entre atores distintos, ocorridos na área do Conjunto Panorama XXI.

Todas as três análises apontam para a conclusão de que, a área do Conjunto Panorama XXI possui potencial para ocorrência de interação social, não apenas por seus atributos exclusivamente morfológicos, tampouco apenas por seus atributos extra morfológicos, mas principalmente por ser dotada de diversos atributos – como ruas estreitas e aconchegantes, áreas com diversidade de usos propiciando vivacidade aos espaços públicos, local de fácil legibilidade da malha urbana e interação social – que somados caracterizam a área do conjunto Panorama XXI como detentora de urbanidade, conforme a referência de AGUIAR (2012).

A aplicação do questionário a respondentes moradores de tipologias morfológicas distintas é justificada por dois motivos. O primeiro por considerar que o local de moradia complementaria a caracterização de padrão socioeconômico. O segundo por investigar se os fatores morfológicos inerentes à tipologia habitacional e seu entorno imediato, teriam influências na probabilidade de copresença nos espaços

públicos, que para efeito da pesquisa, foram investigados pelo uso da sintaxe espacial em espaço convexo público, contíguo à sua conexão com o espaço privado.

Ambos estão relacionados com a hipótese de que a área de estudo possui padrão morfológico de dispersão urbana que inibe a interação social entre diferentes atores. A esse respeito, seguem-se as seguintes conclusões:

1) A análise do mapa de ilhas espaciais confirma a hipótese de que a área possui padrão de dispersão urbana, porém não pela proporção de área da relação entre espaço público e privado, pois isto seria indicador de robustez, ou seja, de intensa copresença. A dispersão observada, deve-se em grande medida à desconectividade da malha viária, e à grande extensão entre as esquinas de avenidas, vias não locais, em virtude da concentração de condomínios fechados;

2) A morfologia do entorno dos condomínios fechados, não estimula a atividade de caminhar, pois o percurso do portão de acesso dos imóveis até o próximo local de ocorrência de alguma atividade cotidiana atrativa, em potencial, seja o Park Shopping ou supermercado, é constituído por extenso muro cego ou gradil. Outro fato que aparenta desestimular a prática de realizar atividades cotidianas a pé no entorno dos condomínios, conforme observação e vivência em campo, é a dificuldade de atravessar a avenida larga, com fluxo intenso de veículos e com poucas opções de localização de faixa de travessia de pedestres;

3) As duas opções de conexão entre o morador do Benguí e a Avenida Augusto Montenegro, são feitas através da Avenida Centenário ou pela Estrada do Benguí. A primeira opção é bastante inóspita, pois o pedestre tem que enfrentar um percurso longo, atravessando o maior espaço convexo delimitado na área de estudo (com área de 15.410,62 m², sendo a área média de espaço convexo 544,15 m²), dificultado pela existência de muro em uma das laterais, com 475 metros de extensão, com apenas quatro portas de acesso à empresa ali estabelecida, e ao outro lado, apenas quatro portas de imóveis residenciais estreitos, seguido de longo muro que contorna um condomínio vertical. A segunda opção está situada na outra extremidade do assentamento. Embora seja pouco menos inóspita, trata-se de um longo percurso de 425 metros, a ser realizado por uma via que tem, de um lado o muro de um condomínio, e do outro o gradil do Park Shopping;

4) Os percursos cotidianos e a ocorrência de contatos pessoais, apontam que a maioria dos contatos, ocorre entre atores com o mesmo padrão de perfil

socioeconômico, e no entorno da moradia dos respondentes, ou seja, entre atores semelhantes. Isto representa que, apesar das limitações impostas pela configuração do espaço, observado por meio do estudo morfológico, há uma relação forte entre o local de moradia e, conseqüentemente, do padrão social, com a copresença em cada uma das unidades morfológicas, mas isto não aparenta incentivar à potencialização de interação social entre os atores distintos.

Foi dito anteriormente, que seriam investigadas as características morfológicas, presentes nas áreas onde fosse identificada ocorrência de interação social entre atores distintos, de modo a ser reproduzida em futuras intervenções urbanísticas, que objetivasse a potencialização da copresença. Porém, a única unidade morfológica onde foi comprovada a interação social mais intensa, foi na área do Conjunto Panorama XXI. Contudo, as interações ali, apesar de terem apresentado ocorrência entre respondentes moradores de morfologias distintas, os mesmos possuem perfis socioeconômicos semelhantes, fato que os remeteram à situação de similaridade, não os considerando mais como atores distintos.

Os espaços públicos definidos pelas avenidas, caracterizam em grande medida a área de estudo, tanto pelas suas dimensões, como pelos equipamentos e usos do solo lindeiros, e constituíram uma das subáreas de análise. O exame dos resultados da pesquisa, pela ótica de seus atributos morfológicos, busca relacionar o potencial atrativo de interação social, entre atores distintos, no espaço convexo em frente ao supermercado, situado em uma das esquinas do cruzamento da Avenida Augusto Montenegro com a Avenida Independência. Os atributos em teste, levaram em consideração que o espaço pode ser considerado uma nodalidade urbana (possivelmente um ponto focal ou até mesmo um marco visual conforme LYNCH), além de estar situado no centro da área de estudo, aproximadamente equidistante em relação à moradia dos respondentes.

Outro aspecto foi o questionário contemplar perguntas sobre local de realização de compras diárias, semanais e mensais, gerando probabilidade de a resposta ser o referido supermercado.

O quarto e mais forte indício de que este seria um local apontado como de interação social entre atores distintos, é a real existência de concentração de copresença constante, representada por um número considerável de pessoas circulando na calçada,

ou aguardando um ônibus na parada situada em frente ao estabelecimento comercial citado.

Contudo, os resultados da pesquisa mostram limitações enquanto espaço público potencialmente gerador de copresença, haja vista os moradores do Panorama XXI declararem fazer compras no supermercado situado na Rua Principal do próprio conjunto habitacional.

Além disso, os moradores do assentamento informal do Bairro do Benguí realizam suas compras diárias e semanais nos mercadinhos situados no próprio assentamento, e as compras mensais no supermercado situado na Avenida Augusto Montenegro, mas fora da área de estudo, devido o valor das mercadorias ser mais baixo do que o do outro supermercado, situado no centro da área de estudo, compensando o deslocamento para outro lugar com distância maior.

Já os respondentes, moradores do Green Ville, disseram não frequentar supermercados, pois este tipo de compra é realizada por seus serviçais, e os únicos respondentes que disseram frequentar o referido supermercado foram os moradores do Condomínio fechado Chácaras Montenegro, situado em frente ao supermercado.

Disso se depreende, que a instalação de equipamentos de grande porte estaria adequada para as ocupações situadas imediatamente ligadas a estes, basicamente condomínios fechados com uma classe social intermediária, entre os moradores dos conjuntos habitacionais, o Benguí, e o grupo de moradores dos condomínios fechados horizontais, mais antigos e estabelecidos há mais tempo na área.

Além disso, a presença de várias pessoas no local, não necessariamente representa a existência de urbanidade a partir da copresença intensa nesta área, provavelmente por ser resultante de outros atores, que não fizeram parte da amostragem para respondentes do questionário.

É possível que o público neste trecho da área de estudo seja formado por pessoas que trabalham nas redondezas, ou por pessoas que estudam nas adjacências, ou até por outros moradores dos demais condomínios fechados existentes no entorno do cruzamento das avenidas, uma vez que este espaço não chega a ser apontado como área de interação social entre os respondentes do questionário.

Assim a pesquisa conclui que, para a validade da hipótese formulada, há fortes indícios de que a urbanidade na área de estudo, é comprometida pelo padrão morfológico relacionado à vida social dos moradores em diferentes escalas.

Os moradores de assentamentos informais dos bairros Cabanagem e Parque Verde, situados no entorno do Conjunto Panorama XXI, são os que apresentam comportamento de apropriação mais intensa do espaço urbano, pois são os únicos respondentes da pesquisa que interagem socialmente, com assiduidade, em áreas diferentes do entorno imediato de sua moradia.

Já os moradores do Conjunto Panorama XXI, tem um comportamento bastante interativo, aparentando serem bons anfitriões para os visitantes moradores dos assentamentos contíguos à sua área.

Para os moradores de condomínios, nos parece que há dois padrões, sendo um associado à vida espacial dos moradores de condomínios mais antigos, que dependem em maior intensidade do carro particular, e outro padrão associado aos moradores de condomínios verticais, que aparentemente têm procurado atendimento para suas necessidades diárias nas imediações do local de moradia.

A questão que fica para posteriores pesquisas, seria o quanto estas práticas sociais serão capazes de conviver no mesmo espaço, e como a configuração dos espaços públicos, será capaz de integrá-los em torno de uma urbanidade não consolidada.

6.0. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Douglas. *Urbanidade e a Qualidade da Cidade*. In Urbanidades. Douglas Aguiar e Vinícios M. Neto (organizadores). Rio de Janeiro. Fólio Digital: letra e Imagem, 2012.

BORGES, Denilce Rabelo; PALHETA, João Marcio. Artigo: *A Influência da Doação e Ocupação de Terra Urbana em Belém nos Atuais Conflitos Dominantes sobre os Terrenos de Marinha* UFPA, Belém. 2011.

BRITTO, Lilian Maria Borges Leal de; OTÁLORA, Flor Amélia Lemos; PIMENTEL, Maria do Socorro Alves Pantoja. *Estudo das Morfologias Urbanas do Bairro de Nazaré – Dimensão Sintática*. Trabalho da disciplina Espaço e Organização Social. Especialização em Avaliações Técnico-ambientais do Espaço Urbano Construído. UFPA, 1992.

CRUZ, C.C.C.S.; LIMA, José Júlio F. *Estudo morfológico utilizando a sintaxe espacial nas escalas de bairro e dos assentamentos na área da Rodovia Augusto Montenegro*, Belém-PA. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica, UFPa Belém, 2013.

DERENJI, Jussara. *Arquitetura Eclética no Pará*. In: Fabris, Annateresa (org) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FERREIRA, João Sette Whitaker. (Org). *Produzir Casas ou Construir Cidades? Desafios para um Brasil Urbano*. FUPAM. São Paulo. 2012.

GUIMARÃES, Gisele Joicy da Silva. *Novas Centralidades na Malha Urbana da Região Metropolitana de Belém: Estudo Aplicado ao Espaço da Rodovia Augusto Montenegro*. UFPA. Dissertação de Mestrado. Belém. 2013.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas co Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Tradutor Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora

FVG, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Cecília Santos Raposo. Petrópolis. Editora Vozes, 1985.

HOLANDA, Frederico de. *Sobre a disciplina de arquitetura*. In: *O espaço de exceção*. Brasília. Ed. UnB, 2002.

_____. *O Espaço de Exceção*. Tese de doutorado. 1994.

JACOBS, Jane. *Muerte y Vida de las Grandes Ciudades*. Impresso em Lito-Fisan, J. Piquet 7, Barcelona. 1973.

LEI nº 6.766, de 19 de Dezembro de 1979. *Lei de Parcelamento do Solo Urbano*.- Planalto. www.planalto.com.br

LYNCH, Kevin. *The Image of the City*. Cambridge MA: MIT Press, 1960.

NETTO, Vinicius M. Netto. *Cidade & Sociedade. As tramas da prática e seus espaços*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

NETTO, Vinicius; SABOIA, Renato; VARGAS, Júlio Celso; Carvalho, Tereza. Organizadores. *Efeitos da Arquitetura: Os Impactos da Urbanização contemporânea no Brasil*. Editora FRBH. Brasília. 2017.

NORTON, Samanta; HOLANDA, Frederico de. *Onde o Cinturão Aperta: integração e segregação em Belém*. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. 2008

REIS, Almir Francisco. *Forma e Apropriação dos Lugares Públicos: Um Estudo Sintático do Centro de Florianópolis – SC*. Dissertação de Mestrado. UNB. Brasília. 1993.

REIS FILHO, Nestor Goular. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Ed. EDUSP, 2000.

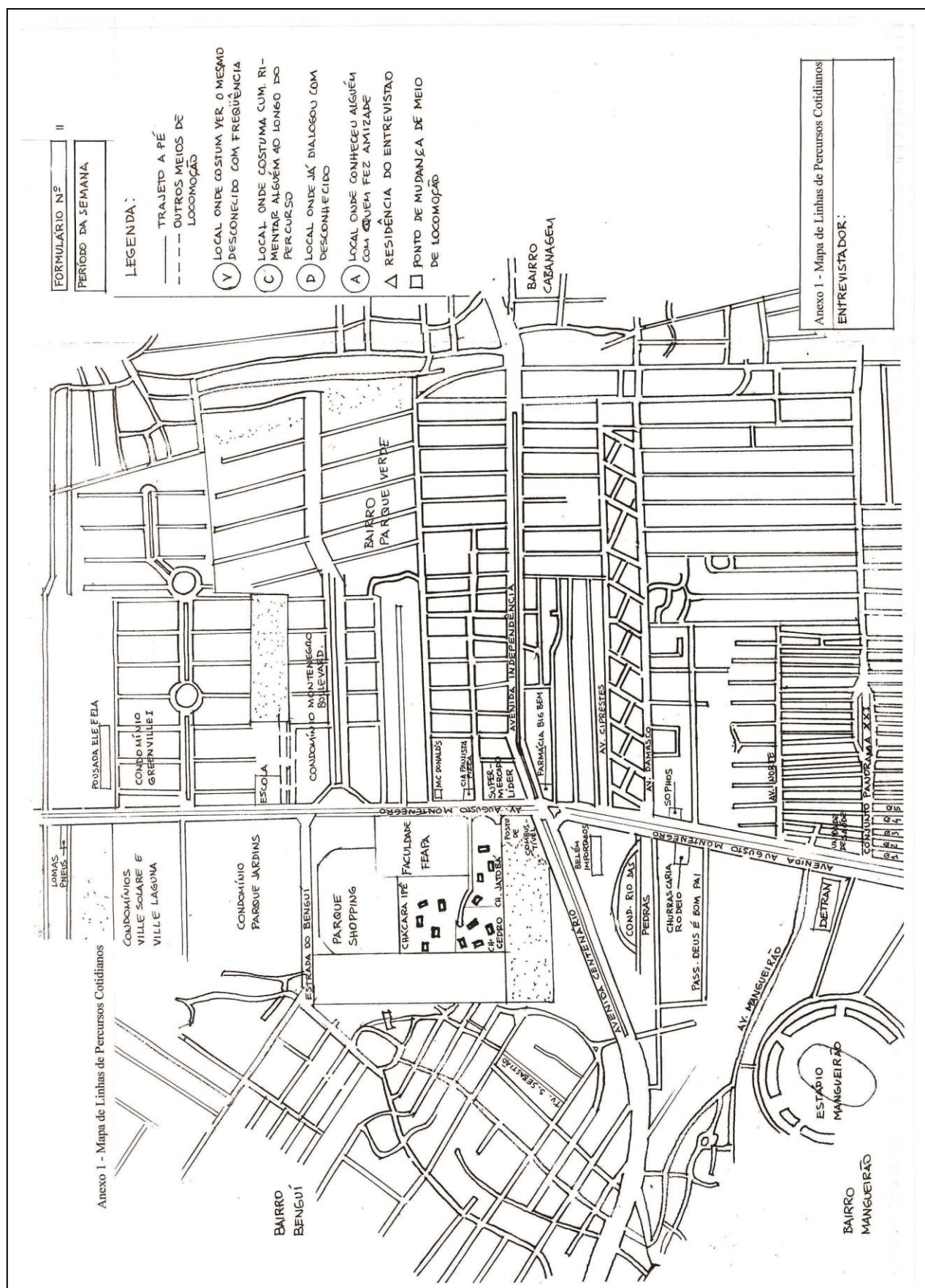
_____. Quadro da Arquitetura no Brasil. 2ª reimpressão da 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TRINDADE JR, Saint-Clair C. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPA/NAEA. 1997.

TURKIENICZ, Benamy; MALTA, Maurício. *Anais do II SEDUR – Seminário sobre desenho Urbano no Brasil. Promoção*. São Paulo: Pini; Brasília CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986.

VENTURA NETO, Raul da Silva. *Belém e o Imobiliário – uma cidade entre contratos e contradições*, Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2015.

Anexo 1 - Mapa de Linhas de Percursos Cotidianos



Anexo 2 – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO DE PERCURSOS COTIDIANOS

FORMULÁRIO Nº

DADOS DA ENTREVISTA

1. ENTREVISTADOR	
2. DATA	
3. LOCAL	(a) assentamento informal atrás do Parque Shopping
	(b) Conjunto Panorama XXI
	(c) Condomínio Chácaras Montenegro
	(d) Condomínio Greenville

DADOS DO ENTREVISTADO

4. GÊNERO	(a) masculino
	(b) feminino
5. FAIXA ETÁRIA	(a) de 15 a 25 anos
	(b) de 26 a 59 anos
	(c) de 60 em diante
6. ESCOLARIDADE	(a) nenhuma
	(b) ensino fundamental incompleto
	(c) ensino fundamental completo
	(d) ensino médio incompleto
	(e) ensino médio completo
	(f) ensino superior incompleto
	(g) ensino superior completo
	(h) pós-graduação incompleta
	(i) pós-graduação completa
7. RENDA FAMILIAR	(a) abaixo do salário mínimo
	(b) de 1 a 3 salários mínimos
	(c) de 4 a 6 salários mínimos
	(d) de 7 a 9 salários mínimos
	(e) a partir de 10 salários mínimos
8. NÚMERO DE PESSOAS MORANDO NA MESMA CASA	
9. ENDEREÇO	

QUESTIONÁRIO

DESLOCAMENTO	10. Qual o meio de locomoção utilizado no seu deslocamento?							
	(a) CARRO PARTICULAR	(b) MOTOCICLETA PARTICULAR	(c) TAXI	(d) MOTO-TAXI	(e) ÔNIBUS/VAN	(f) BICICLETA	(g) A PÉ	(h) INTERNET
10.1. CASA/ESTUDO								
10.2. CASA/TRABALHO								
10.3. CASA/COMPRAS DIÁRIAS								
10.4. CASA/COMPRAS SEMANAIS E MENSAIS								
10.5. CASA/LAZER								
10.6. CASA/SERVIÇOS MÉDICOS/ODONTOLÓGICOS								

QUESTIONÁRIO DE PERCURSOS COTIDIANOS

ATIVIDADES	11. Onde se localizam as atividades que você realiza?		
	a) DENTRO DA ÁREA DE ESTUDO	b) FORA DA ÁREA DE ESTUDO	c) INFORMAR ENDEREÇO, SE FOR DENTRO DA ÁREA DE ESTUDO
11.1. ESTUDO			
11.2. TRABALHO			
11.3. COMPRAS DIÁRIAS			
11.4. COMPRAS SEMANAIS E MENSAIS			
11.5. LAZER			
11.6. SERVIÇOS MÉDICOS/ ODONTOLÓGICOS			

ATIVIDADES	12. Em que período do dia você faz o percurso de ida para realizar suas atividades?		
	(a) MANHÃ	(b) TARDE	(c) NOITE
12.1. ESTUDO			
12.2. TRABALHO			
12.3. COMPRAS DIÁRIAS			
12.4. COMPRAS SEMANAIS E MENSAIS			
12.5. LAZER			
12.6. SERVIÇOS MÉDICOS/ODONTOLÓGICOS			

ATIVIDADES	13. Em que período do dia você faz o percurso de volta das suas atividades?		
	(a) MANHÃ	(b) TARDE	(c) NOITE
13.1. ESTUDO			
13.2. TRABALHO			
13.3. COMPRAS DIÁRIAS			
13.4. COMPRAS SEMANAIS E MENSAIS			
13.5. LAZER			
13.6. SERVIÇOS MÉDICOS/ODONTOLÓGICOS			

ATIVIDADES	14. Em que período da semana você se desloca para realizar suas atividades?	
	(a) DIA DE SEMANA	(b) FIM DE SEMANA
14.1. ESTUDO		
14.2. TRABALHO		
14.3. COMPRAS DIÁRIAS		
14.4. COMPRAS SEMANAIS E MENSAIS		
14.5. LAZER		
14.6. SERVIÇOS MÉDICOS/ODONTOLÓGICOS		

15. RELACIONAMENTOS DURANTE OS PERCURSOS COTIDIANOS	(a) SIM	(b) NÃO
15.1. Existem pessoas desconhecidas que você vê com frequência? Caso positivo, marque o local no mapa. (V)		
15.2. Existem pessoas que você costuma cumprimentar? Caso positivo, marque o local no mapa. (C)		
15.3. Você já estabeleceu diálogo com desconhecido ao longo do percurso? Caso positivo, marque o local no mapa. (D)		
15.4. Você já fez amizade ao longo do percurso? Caso positivo, marque o local no mapa. (A)		